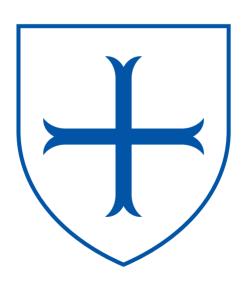
REGRA E CONSTITUIÇÕES

MILITIA SANCTÆ MARIÆ



In Nomine Domini Nostri Iesu Christi Amen!



Edição Brasileira 2ª edição - 2023

TRADUÇÃO

Dez anos depois de se ter publicado em francês, com a aprovação de Sua Excelência D. Roger Michon, Bispo de Chartres, a Regra dos Cavaleiros de Santa Maria aparece, por sua vez, em português. Sob o signo de Cavalaria Mariana, um novo elo se estabeleceu entre dois Reinos de Maria, já unidos há séculos por gestas dos seus monges e dos seus cavaleiros. De São Geraldo de Moissac, ilustrando no Século XII a Sé Primacial de Braga, até Sua Excelência o Senhor D. Francisco Maria da Silva, seu digno sucessor e, como ele, defensor intrépido do Portugal católico, erigindo a Ordem dos Cavaleiros de Santa Maria na Capela de São Geraldo, um mesmo ideal une os cavaleiros do ano 1000 aos do ano 2000: o Reino de Cristo por Maria. Agradecemos ao atual Arcebispo Primaz, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Eurico Dias Nogueira, que se tem dignado manifestar a sua amizade para com a Militia Sanctæ Mariæ e para com os seus primeiros cavaleiros portugueses.

Chartres, 11 de agosto de 1979

Dom Gérard Lafond, O.S.B.

APRESENTAÇÃO DA NOVA EDIÇÃO DA REGRA E CONSTITUIÇÕES DA MILITIA SANCTÆ MARIÆ

Às vésperas dos seus 10 anos no Brasil, fez-se necessária uma nova edição da Regra e Constituições da Milícia da Santa Maria – Cavaleiros de Nossa Senhora; a primeira versão produzida no Brasil.

Nesta edição, os textos foram totalmente adaptados e revisados de acordo com o português brasileiro e as notas de rodapé foram revistas. Tudo isso seguindo o espírito da Regra, conforme os textos originais escritos por nosso fundador.

Entregando nas mãos de Maria Santíssima esse trabalho realizado pelos membros da Academia Internacional de Estudos Litúrgicos São Gregório Magno, esperando que seja, tudo, para melhor se poder "alargar cá embaixo as fronteiras do Reino dos Céus".

Brasil, 16 de julho de 2021

Wirlel ().
Michel Pagiossi Silva

Michel Pagiossi Silva

Presidente da Academia Internacional de Estudos Litúrgicos São Gregório Magno

ADVERTÊNCIA

Na sequência de uma decisão do XV Capítulo Geral, reunido em Chartres, em 12 de agosto de 1972, ficou esclarecido que a expressão "Ordem dos Cavaleiros" tal como é usada na Regra e em diversos documentos da Militia Sanctæ Mariæ é a tradução historicamente recebida do latim Militia.

Contudo, a palavra "Ordem" não deve ser entendida no sentido canônico de ordem religiosa nem de ordem de cavalaria segundo a definição admitida pela Santa Sé Apostólica para a Ordem soberana, militar e hospitalar de São João de Jerusalém, dita de Rodes e de Malta e para a Ordem equestre do Santo Sepulcro.

A palavra "Ordem", em diferentes línguas nacionais, é suscetível de acepções diferentes não canônicas em uso na sociedade civil tal como Ordem dos Advogados. Designa assim um corpo de membros que, em virtude de regras morais estritas, estão constituídos num estado que os ordena para o Bem comum da sociedade humana. Na Idade Média, a cavalaria, isto é, o conjunto dos cristãos que tinham sido armados cavaleiros, formavam uma Ordem que se inclui nesta definição.

Mutatis mutandis, a Militia Sanctæ Mariæ usa a palavra "Ordem" atribuindo-lhe o significado não canônico de companhia de Cavaleiros regulada por uma Regra e organicamente ordenada para os fins tradicionais da Ordem de Cavalaria: servir a Fé, defender a Igreja, promover a cristandade e a Paz.

(Publicado por ordem do Magistério.)

REGRA DOS CAVALEIROS DE NOSSA SENHORA

1. Cristão que te preparas para ler esta Regra, liberta por um instante o teu espírito das preocupações terrestres, e mergulha o teu olhar no mistério de Deus. É nas perspectivas divinas que és convidado a escolher um novo gênero de vida, caracterizado pela fidelidade absoluta ao Senhor. Porque este livro não interessa somente à tua inteligência, mas também à tua vontade, ao teu corpo, aos teus atos. Se aceitas o programa que ele te propõe, ser-te-á preciso tornares-te um outro homem, um cavaleiro pronto a sustentar duros combates pela honra de Deus, decidido a construir um mundo cristão conforme ao desígnio divino. Se temes o esforço e procuras a tua própria tranquilidade, se aceitas sem revolta o reino da mediocridade, da hipocrisia e do vício, este livro não é para ti: fecha-o e continua na tua falsa paz.

Senão, recolhe-te e escuta.

2. Cristo Jesus, Verbo eterno de Deus, *o primogênito de toda a criação*¹, foi ungido Rei sobre tudo o que existe. Nada escapa ao seu império; tudo vem dEle, tudo volta a Ele, tudo é para Ele. É *o alfa e o ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim*² de todas as coisas.

O Universo criado por Deus é um todo harmonioso ordenado para a glória de Cristo Rei, e, por Cristo, para o louvor da Santíssima e indivisível Trindade. A criação é luz, ordem e hierarquia.

¹ Cl 1, 15.

² Ap 22, 15.

Só o pecado, por misteriosa permissão divina, afeta esta harmonia, perturba esta ordem, obscurece por algum tempo esta claridade. As potestades do mal arrastaram na sua revolta uma parte do mundo visível, e este mundo geme nas trevas que o Sol da Justiça jamais ilumina.

Mas o Verbo encarnado, nascido de Maria Imaculada, morto sobre a Cruz e ressuscitado para nos dar a vida, infligiu ao dragão o golpe fatal. O mundo tornou-se um imenso campo de batalha disputado, de um lado, pelos filhos da Jerusalém Celeste, sustentados pelas milícias sagradas do Arcanjo Miguel e, do outro, pelas tropas infernais. Quando os fiéis da Igreja, sob o influxo da graça divina, fazem penitência, derramam as suas orações e testemunham até o sangue, o Espírito comunica-se, as forças do caos recuam, o exército angélico destrona as hierarquias infiéis, a verdade triunfa. Quando os fiéis se descuidam e perdem o seu fervor, Deus permite uma nova ofensiva das Potestades das Trevas, povos inteiros são arrancados à Igreja ou subtraídos à influência do Evangelho, e entregues à escravatura de Satanás.

3. Neste combate sem trégua nem descanso, vais ficar inerte correndo o risco de te deixares também tu submergir pelas trevas? A vitória está ao teu alcance; o Senhor te diz: tende coragem! Eu venci o mundo³; e: esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa fé⁴.

Já que Cristo nosso Rei te escolheu, afasta para longe de ti toda a indolência ou tibieza, toda a apatia ou compromisso, lembrando-te que o Senhor *vomita os mornos*⁵. Prepara-te pelo contrário a lutar virilmente, segundo o preceito do

³ Jo 16, 33.

^{4 1}Jo 5, 4.

⁵ Ap 3, 16.

Apóstolo: por isso, revesti-vos com a armadura de Deus, a fim de que possais resistir no dia mau e permanecer firmes depois de terdes superado toda prova⁶. E mais do que o inimigo já vencido, teme por ti esta condenação infamante: Maldito quem é negligente na obra do Senhor, maldito quem priva de sangue a sua espada!⁷

4. Sabe que a espada não é um símbolo vão; a que a Igreja benze e dá ao Cavaleiro significa uma missão especial no seio imenso do exército de Deus, e a graça de estado para a cumprir. Esta missão consiste em *alargar cá embaixo as fronteiras do Reino de Deus*⁸, em derrubar a falsa ordem luciferina do mundo para construir sobre as suas ruínas uma sociedade humana submetida à realeza de Cristo e propícia à salvação eterna do maior número.

Porque a nação e o reino que não servirem a Cristo, perecerão e serão totalmente exterminadas⁹, enquanto que a glória temporal da cidade terrena não destrói a dos bens celestes, antes a robustece, desde que não duvidemos um só momento que é só uma¹⁰.

5. Escuta as palavras de tua Mãe a Igreja; elas te indicam a via heroica do cavaleiro:

Toma esta Espada: Exerce com ela o vigor da justiça, Abate com ela o poder da injustiça; Defende com ela a Igreja de Deus e os seus fiéis, Dispersa com ela os inimigos de Cristo.

⁶ Ef 6, 13.

⁷ Jr 48, 10.

⁸ Gauthier, Léon. La Chevalerie, I, 10.

⁹ Cf. Is 60, 12.

¹⁰ Em louvor da nova cavalaria, III, 6.

O que foi humilhado, levanta-o;
O que tiveres levantado, conserva-o.
O que é injusto cá embaixo, abate-o,
O que está segundo a ordem, fortifica-o.
É assim que, glorioso e altivo do único triunfo das virtudes,
Magnífico no culto da justiça,
Tu atingirás o Reino do Altíssimo,
Onde, com Cristo a quem te assemelhas,
Tu reinarás eternamente¹¹.

- 6. Sem confusão de poderes, a cavalaria restabelece um elo entre a cidade terrestre e a cidade celeste. Como a Espada flamejante do querubim à entrada do Paraíso¹², a Espada cavaleiresca protege a cristandade contra as intrusões do mundo profano. A cavalaria é templo interior e fortaleza exterior: opõe ao desfraldamento das forças luciferinas a muralha inexpugnável duma fidelidade sem quebras. É uma Força ao Serviço do Direito, *para proteger* tão belas e santas coisas que Deus quis que *estivessem por trás da beleza e da santidade da Espada*¹³. O mundo inteiro está no poder do Maligno¹⁴: com a espada da cavalaria, tu recebes a missão e a graça para arrancar ao Diabo a cidade terrestre.
- 7. O heroísmo cristão, que está na base da cavalaria, constitui uma radical inversão dos valores profanos: à exaltação da sua natureza que pretende atingir o absoluto, opõe-se o abaixamento de Deus feito Homem; à vontade do poder,

¹¹ Ritual de Armação, século XIII. A fórmula é a mesma desde o século IX, pelo menos. Encontra-se na coroação dos reis da França até a de Carlos X.

¹² Cf. Gn 3, 24.

¹³ Carta de Louis Veuillot a Armand de Pontmartin - 29 novembre 1858 in Edmond Biré. Armand de Pontmartin, sa vie et ses oeuvres.

^{14 1}Jo 5, 19.

a humildade; à força deificada, a onipotência da Cruz¹⁵. E é também ao cavaleiro cristão que se dirige esta palavra do Senhor: Basta-te a minha graça; pois é na fraqueza que a força se realiza plenamente¹⁶. Com efeito, o que para o mundo é fraqueza, Deus o escolheu para envergonhar aquilo que é forte¹⁷.

- 8. Uma missão tão sublime, não a podes cumprir sem uma conversão total de todo o teu ser a Deus. Travarás o combate espiritual e ao mesmo tempo o temporal. Não terás outra ambição que a de servir o teu Rei, Cristo, com fidelidade e docilidade. Não recuarás perante nenhum esforço para atingir este fim; deverás quebrar-te, sufocar o teu orgulho, desprezar a tua vida neste mundo; na escola de Maria, Nossa Senhora, procurarás a humildade, o apagamento voluntário, o abandono total por generosidade de amor, até ao sacrifício. Rejeitarás com horror o espírito do mundo para adquirir uma sabedoria puramente sobrenatural. Reconhecerás em todas as coisas visíveis uma epifania das invisíveis, e trabalharás para dar aos homens teus irmãos o sentido do sagrado. Procederás de tal modo que a natureza, a família, o trabalho, a ciência, a arte, a própria organização política, voltem a ser para todos transparentes em relação ao divino e portadores de graça.
- 9. No meio do combate, lembra-te do grito do Profeta: maldito aquele que confia no ser humano¹⁸, e põe a tua confiança somente em Deus; porque está escrito: A vitória na guerra não depende do tamanho do exército, mas da força que

¹⁵ Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio, artigo 2º a.

^{16 2}Cor 12.9.

^{17 1}Cor 1, 27.

¹⁸ Ir 17, 5.

vem do céu¹⁹; e ainda: *treina-se o cavalo para o dia da bata-lha, mas quem dá a vitória é o Senhor*²⁰. Além disso, *vivos ou mortos, pertencemos ao Senhor*²¹, e a derrota segundo a carne é vitória segundo o espírito.

Se souberes combater virilmente, merecerás ouvir aplicarem-se a ti as palavras sagradas: e a tua nação reconstruirá as ruínas antigas. Tu farás subir os alicerces que atravessaram gerações, e serás chamado restaurador de ruínas, reparador de caminhos, por onde se possa passar²².

E quando Cristo em glória voltar por Maria²³ para tomar posse do seu Reino como cavaleiro vitorioso, *Rei dos reis e Senhor dos senhores*²⁴, juntar-te-ás ao inumerável Exército celeste revestido de branco, e receberás parte de tua herança; porque Ele é fiel, Aquele que prometeu: ao vencedor, farei sentar-se comigo no meu trono, como também eu venci, e estou sentado com meu Pai, no seu trono²⁵.

A Ele só, a glória, o louvor e o júbilo, com o Pai e o Espírito Santo, na Santa Igreja, pelos séculos dos séculos. Amém.

^{19 1}Mc 3, 19.

²⁰ Pr 21, 31.

²¹ Rm 14, 8.

²² Is 58, 12.

²³ Cf. São Luís M. Grignion de Montfort, *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, nº 50, 4.

²⁴ Ap 19, 16.

²⁵ Ap 3, 21.

PRIMEIRA PARTE

O ESPÍRITO DA ORDEM

CAPÍTULO I

Fins da Ordem de Santa Maria

1. Fundada no fim da segunda guerra mundial junto da pira de Santa Joana d'Arc, fortificada pela sabedoria beneditina à sombra da antiga abadia de Fontenelle, depois enraizada na terra Marial da cripta da "Virgem que deve dar à luz" da insigne Basílica e Catedral de Nossa Senhora de Chartres, a Ordem dos Cavaleiros de Santa Maria inscreve-se na longa e gloriosa tradição da cavalaria cristã e das Ordens Militares que foram criadas *para alargar cá embaixo as fronteiras do reino de Deus*²⁶.

Regular e Militante, quer-se, mediante a graça divina, um conservatório de Honra e uma escola de heroísmo ao serviço dos mais altos valores da humanidade²⁷. Procura primeiro o Reino de Deus e a sua Justiça, sabendo que o resto, isto é, a paz sobre a terra – e os benefícios que daí decorrem –, é dado por acréscimo²⁸.

Espera com firme esperança, no meio de um incessante combate contra o Príncipe deste mundo, a Parusia de Cristo Rei, a vinda do Reino dos Céus e da Paz eterna, segundo a palavra do Apóstolo: Para nós, a nossa cidade é no Céu e de lá esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo²⁹.

2. A Ordem tem por fim essencial a glória de Deus pela realeza universal de Seu Filho Nosso Senhor Jesus Cristo. A

²⁶ Gauthier, Léon. La Chevalerie, I, 10.

²⁷ Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio, artigo 16º.

²⁸ Cf. Lc 12, 31.

²⁹ Cf. Fl 3, 20.

esta realeza, única fonte de todas as bênçãos para toda a criação, o Senhor Jesus dignou-se associar sua Santíssima Mãe, a Bem Aventurada Imaculada e sempre Virgem Maria, que é também Mãe da Igreja e de cada um dos fiéis. A Santa Mãe de Deus tornou-se assim, em virtude de sua Assunção, *Rainha do Céu e da Terra*, *pela graça*, *como Jesus é o Rei por natureza e conquista*³⁰ em virtude de sua ressurreição dentre os mortos³¹.

3. É por isso que os cavaleiros reconhecem a Santíssima Virgem como a sua própria Dama e Suserana, e como a Soberana da sua Ordem. Unem-se a Ela pelo elo da Consagração, da homenagem e da armação de cavaleiro, de modo a tê-la sempre como seu perfeito modelo para o imitar e o seu auxílio poderoso para os socorrer³².

Confiam-se também à guarda do glorioso Arcanjo São Miguel, Príncipe da Cavalaria celeste e vencedor de Satanás; repetem o seu grito de fidelidade e de amor que é também um grito de guerra e de vitória: *Quem como Deus?*; veneram-no e reconhecem-no como o Grão-Mestre da sua Ordem.

- 4. A Ordem prossegue três fins ordenados para a glória de Deus:
- A Ordem serve a Fé católica, apostólica e romana, não somente confessando-a perante os homens "na sua integridade, pureza e vigor"³³, mas também agindo para a espalhar, proteger, fortificar e fazê-la irradiar em todos os domínios

³⁰ São Luís M. Grignion de Montfort, *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, n°38.

³¹ Rm 1, 4.

³² Cf. São Luís M. Grignion de Montfort, *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, nº 46.

³³ Pio XII, Discurso aos membros do movimento "Rinascita Cristiana", 22 janeiro de 1947.

da vida humana. Trabalha além disso, segundo os seus meios, para a união de todos os cristãos no único Redil de Cristo, como realização de uma vontade claramente expressa por Cristo, e como condição de uma era de unidade e de paz para todas as nações³⁴.

- A Ordem defende a Santa Igreja Católica sem descanso em qualquer campo que a ataquem, pela oração e por atos, contra todos os partidos, movimentos, seitas, heresias e erros denunciados pelo Soberano Pontífice. A Ordem ama e defende a Igreja, Esposa imaculada de Cristo, não somente no seu mistério, mas também na sua existência terrestre, e apesar dos defeitos de seus membros. Ama-a e defende-a na sua Fé íntegra e nas suas instituições. Ama-a e defende-a no seu passado e no presente, e defendê-la-á no futuro com a graça de Deus. Combate com o maior vigor, e sempre com caridade para com as pessoas, os empreendimentos que no interior da Igreja tentassem substituir a verdadeira Fé por uma religião do homem e que ousassem atacar não somente as instituições tradicionais e a disciplina, mas também a pureza dos ritos sagrados, a santidade dos costumes cristãos e a integridade dos dogmas. Defende a Igreja com as últimas forças contra todos aqueles que, sob o pretexto de reforma, procuram desfigurá-la³⁵.
- A Ordem trabalha pela promoção da Cristandade e da Paz. Está ao serviço do povo de Deus, sobretudo dos mais fracos e dos oprimidos. Combate as ideologias que causam danos à dignidade humana e à liberdade do homem criado à imagem e semelhança de Deus, e opõe-se por todos os meios apropriados a toda a tentativa totalitária que visa subjugar o

³⁴ Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio, artigo 5º.

³⁵ Cf. Vaticano II, Apostolicam Actuositatem, nº 6.

mundo, de modo oculto ou não, como a todos os que, conscientemente ou não, dão a sua ajuda a tais iniciativas³⁶.

Trabalha por estabelecer a cidade temporal sobre os fundamentos da ordem natural e os princípios do Evangelho, no respeito das liberdades essenciais do ser humano e das comunidades humanas³7, conforme a doutrina social da Igreja. Esforça-se por reunir todas as condições para que os chefes das nações rendam a Cristo Rei um culto público, para que os mestres e juízes O louvem, as leis e as artes O exprimam³8 considerando três vezes bem-aventurada a cidade que Cristo, segundo a Ordem, governa, que prossegue a execução das leis dadas ao mundo pelo Céu³9.

A Ordem inculca nos seus membros o amor da sua Pátria terrestre e o respeito das tradições legítimas recebidas de seus pais. Serve a Cristandade, isto é, a comunidade fraterna das nações resgatadas pelo sangue de Cristo e providencialmente chamadas a purificar e a assumir as diversas civilizações humanas na civilização cristã⁴⁰. É por isso que a Ordem professa que a fidelidade ao patrimônio da civilização cristã, a sua defesa intrépida contra as correntes ateias e anticristãs, é a pedra angular que não pode ser sacrificada a nenhuma vantagem passageira, a nenhuma combinação sujeita a mudança⁴¹.

³⁶ Cf. Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio, artigos 25ºa e 7ºc.

³⁷ Cf. Vaticano II, Apostolicam Actuositatem, nº 5.

³⁸ Breviário Romano (edição de 1962) – Hino das Vésperas na festa de Cristo Rei – "Te natiónum Præsides/ Honóre tollant público,/ Colant magístri, iúdices,/ Leges et artes éxprimant".

³⁹ Breviário Romano (edição de 1962) – Hino das Laudes na festa de Cristo Rei – "O ter beáta cívitas/ Cui rite Christus ímperat,/ Quæ iussa pergit éxsequi/ Edícta mundo célitus!".

⁴⁰ Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio, artigo 4ºa.

⁴¹ Pio XII, Mensagem de Rádio no 5º aniversário do início da Guerra, 1º de setembro de 1944.

A Paz de Cristo ou tranquilidade da ordem cristã⁴², fora da qual não há Paz verdadeira, justa e durável, tal é o fim nobilíssimo ao qual os cavaleiros, honrados pela tradição do belo título de "pacificadores", se afeiçoam obstinadamente segundo o princípio da Escritura: *procura a paz e vai no seu encalço*⁴³. Todo o esforço para uma mais perfeita realização da ordem cristã e da paz facilita à Igreja o exercício da sua missão divina, abre aos humildes e aos pobres as fontes de salvação, e apressa o dia em que o Senhor Jesus há de voltar com os seus Anjos⁴⁴ para estabelecer definitivamente o Seu reino de Justiça, Amor e Paz⁴⁵.

- 5. Toda a atividade susceptível de ser ordenada a estes três fins pode ser empreendida quer pela própria Ordem e seus órgãos, quer por alguns dos seus membros, com a aprovação do magistério da Ordem, como sejam as inumeráveis obras sociais e caritativas, a educação da juventude, a luta contra os flagelos morais e sociais, a defesa dos povos contra as ideologias subversivas, a ajuda aos países menos desenvolvidos ou cativos de Estados totalitários, as relações culturais entre os povos, a difusão do espírito cavaleiresco nos Exércitos, o estudo dos problemas internacionais e outras coisas do mesmo gênero.
- 6. O combate da Ordem, que justifica a sua existência como Ordem de Cavalaria, é um combate no próprio sentido da palavra. Com efeito, o assalto lançado pelas forças infernais contra a Cristandade comporta um aspecto ideológico

⁴² Santo Agostinho - Cidade de Deus, Livro 19, Capítulo 13 - "Tranquilitas ordinis".

⁴³ Sl 34, 15.

⁴⁴ Cf. Lc 9, 26.

⁴⁵ Missal Romano (edição de 1963) - Prefácio para a festa de Cristo Rei - "Regnum justitiae, amóris et pacis".

predominante ao qual não se pode opor eficazmente senão um combate espiritual e doutrinal unido à firme resolução de defender até a morte os valores supremos da civilização cristã.

Não são só os exércitos os únicos a medir-se sobre os campos de batalha; o objeto desta guerra é a própria população, e por conseguinte esta deve ser enquadrada e protegida por uma elite cujo valor espiritual, moral, intelectual e simplesmente humano seja manifesto. A ordem contribui, na medida dos seus meios, para construir esta elite⁴⁶.

- 7. A Ordem declara que não está ao serviço exclusivo de nenhum Estado, nem grupo de Estado, nem Organização ou soberanias internacionais, nem de nenhuma raça em particular; mas serve todos os homens nas suas comunidades naturais. Não está ao serviço de causas políticas ou dinásticas, nem de interesses econômicos, nem de interesses de classe, nem do que quer que seja puramente temporal. A Ordem está ao serviço da única cristandade. É universal, como a cristandade⁴⁷.
- 8. Plenamente consciente da missão do laicato católico no mundo tal qual foi definido pelo Concílio Vaticano II⁴⁸, a Ordem, governada por leigos, esclarecida pelo Magistério vivo da Igreja e dócil ao seu ensinamento constante, define ela mesma os seus objetivos e o modo de sua ação na cidade terrestre, sem que esta ação possa jamais comprometer no que quer que seja a Santa Sé ou a hierarquia eclesiástica.

⁴⁶ Cf. Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio, artigo 7°b.

⁴⁷ Cf. Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio, artigo 4ºb.

⁴⁸ Cf. Vaticano II, Apostolicam Actuositatem, nº5.

CAPÍTULO II

Do estado das pessoas e da hierarquia da Ordem

1. A Ordem dos Cavaleiros de Santa Maria não faz acepção de pessoas, conforme o espírito do Evangelho e os princípios fundamentais da cavalaria. Contudo, é evidente que o pleno exercício da vida regular supõe uma certa cultura geral e um mínimo de recursos e de tempo livre, cuja apreciação fica a cargo do padrinho e do comendador.

Ainda que as pessoas que possuem uma influência social vasta sejam naturalmente chamadas à cavalaria, contudo é preciso não obedecer, no recrutamento, a considerações puramente humanas. Não são os ricos e os poderosos deste mundo que foram os pioneiros da Ordem de Cavalaria nos seus princípios. Lembremo-nos sempre que a Ordem não é um agrupamento fortuito de indivíduos que prosseguem cada um o seu fim particular, nem um círculo intelectual mundano, mas o corpo orgânico constituído por membros unidos na vida e na morte, no amor e serviço das mesmas grandes realidades.

É por isso que o recrutamento e formação dos jovens é, em princípio, preferível ao de homens formados fora da influência cavaleiresca.

2. Os irmãos devem abandonar os seus preconceitos de classe, origem de incompreensão mútua de tantos cristãos, sem por isso negligenciar o culto das virtudes das suas tradições familiares.

Se alguém da Ordem é de nobre linhagem, que não tire disso vaidade, mas, a exemplo dos seus antepassados, que ele se exceda em generosidade e em santidade a fim de se tornar diante de Deus e dos homens um verdadeiro aristocrata, um verdadeiro cavaleiro.

Porque se a qualidade de cavaleiro supõe nobreza de coração, a qualidade de cristão, no que ela nos faz participar da divindade do Rei dos reis, eleva-nos à mais alta nobreza que há no mundo.

- 3. Não haverá na Ordem senão Membros de Cristo dispostos segundo uma hierarquia que não olha senão ao valor de cada um. Nesta renovação, diz o apóstolo São Paulo, não se faz mais a distinção entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, porque agora o que conta é Cristo, que é tudo e está em todos⁴⁹. Entrar na Ordem de Santa Maria é voltar as costas para o mundo para alcançar mais e melhor: porque um homem que se alistou na milícia de Deus não se ocupa com os assuntos do século⁵⁰.
- 4. A Ordem acolhe todos os que desejam servir Cristo Rei e Nossa Senhora segundo o seu espírito e o seu código de Honra, quer no seu próprio seio a Milícia —, quer na sua própria *Família*, quer no *Movimento*.

As disposições gerais deste capítulo são retomadas em detalhe e precisadas pelo "*Costumeiro*".

5. Todo postulante que deseja entrar na *Militia* deve saber que se liga à Ordem, temporária ou definitivamente, e que aceita antecipadamente, para ele e para os seus, todos os inconvenientes que podem resultar de ele pertencer a uma

⁴⁹ Cl 3, 11.

⁵⁰ Cf. 2Tm 2, 4.

Ordem Católica, regular e militante. O postulante encontrará na Ordem uma Regra, um estilo de vida, uma doutrina e um vasto campo de ação onde exercer o seu zelo e, por acréscimo, uma fraternidade humana e cristã verdadeira. Ele encontrará aí também onde exercer as virtudes cristãs da humildade, da paciência, da tolerância, da coragem, da perseverança; deixará à entrada toda a ambição ou a pretensão de fazer salientar a própria pessoa no que fosse porventura legítimo. Só o Mestre da Ordem ou o Prior, em capítulo de Honra, chamam à Cavalaria segundo critérios severos. A promoção a ser armado cavaleiro não é um direito para nenhum membro da Ordem.

6. O postulante é confiado a um cavaleiro ou a um Donato, seu padrinho, designado pelo comendador em face de sua decisão segura, da sua piedade fervorosa e da sua observância irrepreensível.

O Padrinho deve examinar se tem zelo pela oração, obediência e humildade⁵¹, se ama a Igreja e a verdade Católica, se está decidido a combater por elas até a morte, se não veio senão para SERVIR, a exemplo do Senhor e de Sua Santa Mãe, enfim, se ele é atraído de modo muito particular para o serviço de Nossa Senhora, pelo Reino de Cristo Rei, o que é aqui a verdadeira pedra de toque.

Deve-lhe fazer conhecer, amar e observar a Regra, e mostrar-lhe que não se conquista o Céu com a apatia, mas que não se ganha senão com coragem e espírito de sacrifício⁵². E que é vão procurar estabelecer neste mundo a Realeza de Cristo se nós não nos tivermos submetido previamente.

⁵¹ Cf. Regra de São Bento, 58.

⁵² Papa Pio XII.

Deve ainda desenvolver nele o amor e a reverência dos cavaleiros para com Nossa Senhora, o gosto da Sagrada Escritura e da Liturgia, o respeito para com as pessoas, os lugares e os objetos que tenham um caráter sagrado, o desejo da Sabedoria e da união com Deus.

O padrinho velará pelo bom equilíbrio físico do postulante; inculcar-lhe-á a estima cristã do corpo, da sua pureza, do seu vigor, da sua beleza; mostrar-lhe-á como disciplinar e endurecer para o fazer um instrumento dócil da alma e do Espírito Santo; sobretudo se ele é ainda jovem, incitá-lo-á a exercitar o seu corpo, porque o cavaleiro deve estar sempre pronto a combater pelo Senhor: o treino físico faz parte da ascese cavaleiresca.

Enfim, prepara-o, sob o controle do Capelão, para a sua profissão de Fé, para a sua consagração a Nossa Senhora e a sua recepção na Ordem. O postulantado nunca dura menos de três meses.

- 7. No dia fixado para a sua recepção, o postulante pronunciará a sua profissão de fé católica, fará ou renovará a consagração à Santíssima Virgem segundo São Luís Maria Grignion de Montfort, e será recebido na Ordem, como sargento ou freire-de-armas pelo Comendador, em presença do Capítulo. Ninguém é recebido na *Militia* ou no corpo auxiliar se não se tiver dado e consagrado a Maria, a quem a Ordem pertence. A partir do dia da sua recepção, o novo freire é obrigado a observar a Regra e a assistir aos Capítulos da Ordem.
- 8. Os Freires sargentos são homens com uma piedade e zelo provados, com qualidades certas de militantes e de homens de ação, mas que não podem ou não querem aceder

ao pleno exercício da vida cavaleiresca e regular. Uma observância simplificada e adaptada permite-lhes participar na oração e no combate da Ordem segundo as suas competências, de dar-lhe o concurso de seu trabalho, e de espalhar o seu espírito no seu meio profissional. Na sua recepção ou "compromisso", promete fidelidade à Ordem por um ano, reconduzida tacitamente de ano em ano, salvo decisão expressa.

- 9. Os freires-de-armas são os noviços da Ordem. Durante o ano que segue a sua recepção, participam na vida regular da Ordem, e o seu principal papel é a formação cavaleiresca sobre todos os planos: espiritual, intelectual, moral e físico. Um programa de estudo lhes é fornecido, e devem no fim do ano testemunhar os conhecimentos adquiridos. A formação dos freires-de-armas, tendo por base a Regra como se disse anteriormente, incidirá sobre a teologia e a Sagrada Escritura, a doutrina tradicional da Igreja em matéria política e social e a tradição cavaleiresca. Far-se-á num espírito de oração, por meio de leituras e de instruções orais. Jamais se perderá de vista que se trata muito mais para os freires da Ordem de adquirir uma sabedoria sobrenatural do que uma simples cultura de espírito. Pois que é da nossa sabedoria, não da nossa ciência, que o mundo tem necessidade, como está escrito: uma multidão de sábios é a salvação do mundo⁵³. É-se freire-de-armas durante pelo menos um ano, e enquanto os estudos prescritos não se complementarem os freires-de-armas podem deixar a Ordem por simples demissão.
- 10. Os freires-de-armas que tenham testemunhado os seus conhecimentos e a sua boa observância são nomeados

⁵³ Sb 6, 24.

escudeiros. Considerados então como membros maiores da Ordem, os escudeiros preenchem todas as funções que lhes são confiadas, com a exclusão de cargos hierárquicos. Com o grau de Escudeiro atinge-se o grau ao qual todo o freire da Ordem que não é sargento pode preencher. A duração do escudeiro nunca é inferior a um ano, e pode prolongar-se indefinitivamente.

- 11. Os escudeiros que deram provas múltiplas da sua fidelidade à Ordem e à observância da Regra, e desempenhado de modo satisfatório os cargos que lhe tenham sidos confiados, podem ser elevados, com o seu consentimento, por decisão magistral ou prioral, ao grau de Donato de Justiça. Os freires-de-armas ou sargentos, pelos seus serviços excepcionais, podem ser elevados diretamente ao grau de Donato, nas mesmas condições. Terão então o título de Donato de Graça. Os Donatos emitem por três anos, reconduzidos tacitamente perpetuamente salvo decisão, a tripla promessa solene de conversão de costumes, fidelidade à Ordem e defesa da Igreja.
- 12. Os escudeiros que, além das qualidades exigidas aos Donatos, respondam a todos os critérios da cavalaria e desempenhem com perfeição todas as missões ou encargos a eles confiados, mesmo difíceis ou perigosos, podem ser elevados, com o seu consentimento, pelo Mestre ou Prior, ao estado de Cavaleiro. Emitem então, segundo o cerimonial da Ordem, os três votos perpétuos que constituem a Profissão:
- A conversão dos costumes, compromisso de viver daí para o futuro, em todas as circunstâncias da vida, com a família de que é o chefe, segundo as leis da Cavalaria e segundo a Regra da Ordem, no Estado de vassalagem face-a-face a

Cristo Rei e Nossa Senhora.

- A *fidelidade à Ordem*, obediência aos chefes da Ordem nos limites da Regra, e dever de entreajuda fraterna para com todos os membros.
- A defesa da Igreja, compromisso especial, análogo ao voto de cruzada a defender a Igreja, a sua Fé, a sua Hierarquia, as suas instituições, os seus direitos, mesmo com perigo da sua vida; e a responder a todo o apelo do Soberano Pontífice para cumprir toda a missão, mesmo custosa ou perigosa, que Sua Santidade se digne confiar aos seus cavaleiros.

O novo professo velará uma noite inteira e receberá no dia seguinte, depois de ter ouvido a Missa e comungado, a *Benedictio Novi Militis* segundo o Pontifical Romano.

Por este Sacramental da Igreja, o cavaleiro recebe oficialmente a missão de combater os inimigos de Deus e do homem e de alargar cá na terra as fronteiras do reino de Deus, com a graça necessária para a cumprir. Toda a sua vida doravante é consagrada ao serviço da Cristandade: que ele se torne digno de uma tal honra.

O ato ritual de ser armado cavaleiro de Nossa Senhora marca toda a Ordem de caráter cavaleiresco, de tal modo que todos os seus membros, comprometidos no mesmo combate, participam de qualquer maneira dos deveres, dignidade e graça conferidos por este rito venerável: todos devem considerar-se ligados à Virgem real pelo serviço da Cavalaria.

Um Cavaleiro pode, em certas circunstâncias de que o Mestre e Priores são juízes, ser armado por outrem, em vez de ser utilizando a *Benedictio Novi Militis*. Quem assim fosse criado cavaleiro teria a mesma missão e os mesmos deveres que outros, e certamente a graça de Deus não lhe faltaria.

Igualmente, um cavaleiro pode armar cavaleiro outras pessoas qualificadas, em caso de perigo grave, se ele se encontra isolado do seu superior hierárquico.

O ritual de armar cavaleiro, impondo deveres precisos para a defesa da Cristandade, não pode ser licitamente conferido a pessoas inaptas ou não qualificadas. Ninguém pode ser cavaleiro se não for homem de fé viva, tendo atingido a maioridade legal, são de espírito e de corpo, de costumes íntegros e de boa reputação, nobre de coração e leal, corajoso física e moralmente, dado as suas provas ao serviço da Cristandade, da sua Pátria ou do seu próximo, capaz de exercer um ascendente moral sobre os outros, animado da vontade de observar em todos os pontos o Código de Honra cavaleiresco, mesmo com perigo de seus bens e da sua vida⁵⁴. Todo cavaleiro é um chefe-nato, senhor de si mesmo, apto a arrastar os seus irmãos até ao cimo, e à volta de quem, espontaneamente, se agrupam nos combates da vida. Todo cavaleiro tem um movimento.

A estes critérios gerais é preciso acrescentar as características dum cavaleiro de Nossa Senhora: humildade, piedade, amor pela Virgem e pela Igreja, observância irrepreensível aos capítulos e às atividades da Ordem e, além disso, dedicação indefectível à Ordem e preferência dada efetivamente ao serviço da Ordem da Cavalaria sobre toda outra atividade ou grupo: é-se Cavaleiro de Nossa Senhora antes de tudo, em tudo, sempre e em toda parte.

13. Os membros da Ordem que queiram consagrar-se inteiramente a Deus pelos votos de pobreza, castidade

⁵⁴ Princípios de ontem para uma cavalaria do terceiro milênio, artigo 13ºb.

e obediência, e levar uma vida de oração, de renúncia e de ação cavaleiresca ao serviço da Ordem e seus fins, agrupam--se em Comendadorias Conventuais sob a orientação de um comendador assistido por um Capelão. Cumprem dois anos de noviciado antes de emitir os seus votos de religião. Realizam individualmente ou em comunidade todas as missões que o Magistério da Ordem lhes confia, compatíveis com a sua vocação. O Magistério procurará com o maior cuidado não confiar aos irmãos conventuais tarefas que pertencem normalmente aos cavaleiros seculares, pela razão da sua inserção nas comunidades naturais da cidade terrestre, de modo a que a natureza da Ordem não se modifique. Os conventuais não são e não devem ser o centro dirigente da Ordem, mas eles são um corpo de elite ao serviço de toda a Ordem. O seu Estado não arrasta qualquer superioridade hierárquica ou honorífica. Ainda mais, os cavaleiros conventuais renunciam voluntariamente aos cargos Magistrais e Priorais, e a todas as dignidades da Ordem, exceto as de Visitadores e comendadores conventuais. À semelhança dos antigos templários que foram monges e soldados, tendem à perfeição da caridade evangélica travando um duplo combate contra os inimigos invisíveis da Igreja, e esforçam-se por dar a todos os irmãos o exemplo duma vida de Honra e de coragem, inteiramente disponível para o mais elevado serviço. O visitador magistral é o superior hierárquico de todas as comunidades conventuais; este título está submetido diretamente ao Mestre e é membro do seu conselho. O Diretório, parte do Costumeiro, regula a observância particular das comendadorias conventuais.

14. Os Padres que desempenham as funções de capelães nos diversos escalões da Ordem têm o título de capelães. Depois de um ano de ministério na Ordem são titularizados quer como *capelães de devoção*, sem elo jurídico, quer como *capelães de obediência*, com promessa de fidelidade à Ordem. O Capelão geral, os capelães priorais e os conventuais são capelães de obediência, salvo derrogação especial.

Os Capelães não estão investidos dos poderes hierárquicos da Ordem, mas desempenham um papel de ensino e de controle em tudo o que diz respeito à doutrina, à espiritualidade, à moral, às leis canônicas e à liturgia. Pertencem de direito ao capítulo correspondente à sua função.

Devem entrar no espírito da Regra, guiar a piedade dos irmãos no sentido que ela determina, ser animadores espirituais e imagens vivas do Senhor Jesus que representam sobre a terra. Além dos deveres particulares do seu cargo pastoral, comprometem-se a rezar e a oferecer penitências e sofrimentos pela Ordem, pela santificação de seus membros e pela sua ação ao serviço da Cristandade. Celebram pelo menos duas vezes por ano o Santo Sacrifício da Missa por estas mesmas intenções.

Os prelados e os padres que compartilham do ideal cavaleiresco, e que a Ordem quer honrar, recebem o título de *Prelados e Capelães de Honra*. Os bispos que dão à Ordem na sua diocese um Ato de estabelecimento e uma igreja capitular são *Prelados da Ordem*. O bispo de CHARTRES, centro espiritual da Ordem, tem o título de *Primaz da Ordem*.

15. A Ordem, reconhecendo na família uma instituição divina, santificada por um sacramento, pode receber com o título de *irmã* as esposas, filhas e irmãs dos seus membros, que o peçam. As mulheres dos cavaleiros que desejam militar na Ordem e ligar-se a ela seguindo o seu marido, podem,

além disso, ser admitidas à Profissão depois de um tempo de provação conveniente: são as únicas Damas da Ordem. Irmãs e Damas não têm função hierárquica na Ordem, mas participam dos Capítulos e em todas as atividades que lhes sejam adequadas. Ordenam a vida familiar especialmente no respeitante à educação dos filhos, dentro do estilo próprio da Ordem da Cavalaria, e praticam com boa vontade e com toda a cortesia a hospitalidade prevista pela Regra. Prolongam a amizade fraterna dos Cavaleiros entre eles por uma amizade sólida entre as famílias da Ordem. Esforçam-se por ser imagens vivas da Dama por excelência, a Virgem Maria, Rainha do Céu e da Terra: como Ela inspiradoras, pelo amor das altas virtudes viris que fazem os heróis e Santos.

16. A Ordem recebe igualmente rapazes e moças: são os Pajens e as Donzelas. Os Pajens, agrupados em mesnadas, recebem uma formação espiritual, moral e física conforme à tradição da Cavalaria. Ao serviço de um cavaleiro, por um treino apropriado no seio do meio natural da criação e pelo exercício das Artes Cavaleirescas, eles aprendem a forjar uma alma elevada e, se possível, um corpo vigoroso, onde a graça de Deus habite. Regem-se pelos "Usos e Costumes".

As Donzelas, filhas ou irmãs de membros da Ordem, são confiadas a Damas ou a Irmãs da Ordem; estas desenvolvem naquelas sobretudo as virtudes que fazem a jovem cristã e a Dama de Cavalaria, impondo só pela sua presença o respeito do que é belo e nobre, e fazendo recuar toda a vulgaridade e baixeza.

Pajens e Donzelas podem participar, segundo a sua idade e as suas disposições, em diversas atividades da Ordem.

17. A Família reúne as pessoas que, sem entrar na

Ordem propriamente dita, desejam participar na sua oração e no seu combate, ajudar os cavaleiros, prolongar a sua ação e fazer irradiar o seu espírito. Compõe-se essencialmente do *Corpo Auxiliar dos Servos de Nossa Senhora e do Corpo de Apoio Espiritual*, aos quais se juntam os "Amigos", agrupados ou não em associação.

O *Movimento da Ordem*, sem nenhuma forma jurídica determinada, designa toda pessoa ou agrupamento que se encontra sob a influência mais ou menos direta da Ordem e dos seus cavaleiros, aprove o seu espírito e mostre disposição de cooperar numa ou noutra das suas atividades.

18. A Ordem é governada por um cavaleiro, o *Mestre*, assistido pelos seus oficiais, conselheiros e pelo capítulo geral. O Mestre, os Priores, os Bailios, os Comendadores e os Preceptores, e todos os que receberão o cargo tremendo de dirigir os seus irmãos nas vias da honra cavaleiresca, lembrar-se-ão que detêm uma parte da Autoridade Cristo Rei, a quem um dia terão de prestar contas da sua gestão, não somente por si, mas também pela fidelidade dos seus semelhantes.

Que evitem, pois, exercer um poder tirânico; que não esqueçam que a autoridade é um serviço, o mais alto de todos e o mais exigente. Que se apliquem, portanto, à justiça e mais ainda à misericórdia, à humildade e à *discrição que é a mãe de todas as virtudes*. Professem uma doutrina irrepreensível, e mostrem a todos o exemplo de submissão perfeita à Santa Igreja. Que aprendam e se esforcem ainda mais por se fazer amar do que temer. Acima de tudo, que observem a presente Regra, para que depois de terem bem servido, ouçam do Senhor a palavra dita ao bom servidor: Em verdade vo-lo

digo, o Mestre estabelecê-lo-á sobre todos os seus bens⁵⁵.

Os cavaleiros, todos semelhantes e igualmente depositários, em virtude de terem sido armados cavaleiros, da missão e da graça da Ordem de Cavalaria, participam hierarquicamente, por seus conselhos prudentes e pela sua colaboração fraterna, no bom andamento da Ordem, em todas as formas previstas pelo "Costumeiro".

19. A presente Regra, escrava do Evangelho, constitui o fundamento imutável da Ordem. É completada, interpretada e adaptada, se for necessário, às circunstâncias de tempo e de lugar pelo Costumeiro, que é a codificação dos usos da Ordem, promulgada pelo Mestre. Toda a modificação do Costumeiro deve receber em Capítulo geral o assentimento da maior parte dos cavaleiros.

À regra e ao Costumeiro se juntam além disso um Cerimonial.

⁵⁵ Regra de São Bento, 64; Cf. Mt 24, 47.

CAPÍTULO III

Como deve ser o Cavaleiro de Santa Maria

- 1. Aquele que entrou na Ordem de Santa Maria tomou a Cruz e fez a Cristo o sacrifício de sua vida, aceitando de antemão os combates, as contradições, as humilhações e a morte que o Senhor Jesus, no seu imenso amor para com todos os homens, se dignou tomar sobre Si e partilhar com os seus amigos. Recebe por lei o Código de Honra Cavaleiresca, expressão de sua absoluta fidelidade a Deus:
 - I O Cavaleiro combate por Cristo e pelo Seu reino.
 - II O Cavaleiro serve a sua Dama, a Virgem Maria.
 - III O Cavaleiro defende a Santa Igreja até o sangue.
 - IV O Cavaleiro mantém as tradições dos seus antepassados.
 - V O Cavaleiro combate pela Justiça, pela Ordem Cristã e pela Paz.
 - VI O Cavaleiro trava contra o mundo e o seu Príncipe uma guerra sem trégua nem descanso.
 - VII O Cavaleiro honra e protege os pobres, os fracos e os deserdados.
 - VIII O Cavaleiro despreza o dinheiro e os poderes deste
 - IX O Cavaleiro é humilde, magnânimo e leal.
 - X O Cavaleiro é puro e cortês, ardente e fiel.
- 2. Segundo a concepção de São Bernardo, o Cavaleiro de Santa Maria é soldado de Deus: une a vida contemplativa à vida ativa para travar com os inimigos de Cristo o duplo combate, sobrenatural e natural, e golpeá-los com espada de dois gumes.

- 3. Soldado, ele é o primeiro no sentido do *Bonus Miles Christi Jesu*⁵⁶. Deve trazer junto de si a decisão de não recuar, como os primeiros cristãos, em face ao paganismo, pois que se trata para ele de mudar a vida no mundo e à face dum mundo que renegou Cristo. A fé em Cristo na fidelidade à Igreja é o rochedo inabalável sobre o qual se apoia *não uma fé mutilada, anêmica, edulcorada, mas uma fé em toda a sua integridade, pureza e vigor*⁵⁷. A sua primeira vitória, deve-a obter sobre si mesmo por uma verdadeira conversão; o seu primeiro objetivo é a conquista de si mesmo. Então, mas só então, pode atacar diretamente os inimigos visíveis da Igreja e da Cristandade, com a certeza de vencer.
- 4. As etapas desta conversão, a tradição mística da cavalaria descreve-as sob o nome de *Demanda do Santo Graal*, a qual não é outra coisa senão a procura do próprio Deus e da Sabedoria divina escondida no Coração de Cristo.

Esta busca espiritual começa pelo temor filial, como está escrito: princípio da Sabedoria é o temor do Senhor⁵⁸. Implica uma vida de recolhimento e de intimidade com Nosso Senhor e com Nossa Senhora, e sacrifica voluntariamente a esta intimidade os prazeres do mundo, os espetáculos muito frequentes ou ligeiros, as conversas frívolas e ociosas, a vida desregrada e fantasista. Foge da agitação e do barulho, e continua-se no silêncio interior. Não avança senão pela oração assídua e a meditação prolongada das Sagradas Escrituras, pela renúncia à mentalidade do mundo e pela penitência. Triunfa de provações numerosas pela fé, a

^{56 2}Tm 2. 3.

⁵⁷ Pio XII, Discurso aos membros do movimento "Rinascita Cristiana", 22 janeiro de 1947.

⁵⁸ Sr 1,16.

paciência e as outras armas da luz. Finalmente, termina na contemplação: o cavaleiro que encontrou a Sabedoria volta para o mundo um olhar purificado, torna-se capaz de discernir o grande desígnio de amor do Deus vivo e de nisso cooperar com perfeição.

5. Os cavaleiros de Santa Maria não devem viver num luxo amolecedor, mas rudemente, como peregrinos em viagem, como soldados prontos a entrar em combate.

Devem guardar somente o necessário, um necessário prático e de bom gosto, e banir todo o supérfluo; não devem afeiçoar-se aos objetos materiais, mesmo quando se trata para eles de recordações. O seu apego vai para Cristo de Quem tomaram a Cruz. *Que eles se apliquem pois a estar nus e despojados de tudo*⁵⁹. Sabem que os seus bens são dons de Deus dos quais uma parte pertence aos pobres.⁶⁰

- 6. Guardarão uma grande pureza de corpo e de alma, seja no estado de celibato, seja no casamento, a fim de serem dignos de *seguir a Cristo por todo o lado para onde Ele v*á⁶¹, e de serem templos do Espírito Santo à imagem gloriosa da Mãe de Deus.
- 7. Os Cavaleiros de Santa Maria amarão a Igreja com o mesmo amor com que amam a Mãe de Deus. Será para eles uma fonte de graças abundantes, como também um sinal muito seguro de predestinação. Porque, diz-nos Santo Agostinho, nós também reconhecemos o Espírito Santo, se amamos a Igreja, se estamos mutuamente unidos na Caridade, se nos regozijamos com o nome e com a fé de

⁵⁹ Regra de Nossa Senhora de La Salette, nº 7.

⁶⁰ Cf. Vaticano II, Gaudium et Spes, nº 69.

⁶¹ Ap 14, 4.

católicos. Convençamo-nos, irmãos, de que cada um possui o Espírito Santo na medida em que ama a Igreja de Cristo⁶².

- 8. Guardiões e defensores da tradição cristã, os cavaleiros de Santa Maria esforçar-se-ão por apagar neles todo o traço de materialismo, de naturalismo, de liberalismo, ou de modernismo. Detestam a vontade perversa dos homens que querem construir um mundo sem Deus. Recusam com toda a energia, todo o laicismo sob qualquer forma que se apresente. Repudiam as ideologias enganosas, as falsas liberdades revolucionárias definidas e condenadas pelos Pontífices Romanos. Sabem que os verdadeiros amigos do povo não são revolucionários, nem inovadores, mas tradicionalistas⁶³. Para eles continua segura esta regra antiga: Nihil innovetur, nisi quod traditum est⁶⁴. Esforçam-se, pois, a pensar com a Igreja⁶⁵, em todos os domínios, e a viver em todas as coisas de acordo com a sua fé.
- 9. Herdeiros de quinze séculos de civilização cristã, os cavaleiros devem ser profundamente civilizados, no nobre sentido do termo. Mostrar-se-ão de uma grande educação e cortesia entre eles e para com o próximo. Segundo a recomendação do Apóstolo, que eles se predisponham a honrar-se uns aos outros⁶⁶.

Evitarão, do mesmo modo, em todo o tempo, a vulgaridade de linguagem, sabendo que *um homem que se habitua a uma linguagem grosseira jamais atingirá a sabedoria*⁶⁷.

⁶² Santo Agostinho, Comentário ao Evangelho de São João, Tratado 32, 8.

⁶³ São Pio X, Notre Charge Apostolique, 39.

⁶⁴ Santo Estêvão, Carta a Cipriano de Cartago, cap. 1, citado por Papa Bento XV, Encíclica "Ad beatissimi Apostolorum".

^{65 &}quot;Sentire cum Ecclesia" - Santo Agostinho.

⁶⁶ Cf. Rm 12, 10.

⁶⁷ Cf. Sr 23, 20.

Todas as palavras vilãs, com efeito, lhe são proibidas, e todas as cortesias são confiadas e todo o bem fazer⁶⁸. Enfim, manifestarão no exterior a dignidade da sua vida por uma atitude e um modo irrepreensíveis, de acordo com o preceito da Escritura: Glorificai, portanto, a Deus no vosso corpo⁶⁹.

10. Serão simultaneamente mansos e violentos, porque o Senhor disse: *Bem-aventurados os mansos, pois eles herdarão a terra*⁷⁰, e: *aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração*⁷¹; e está escrito também: *o Reino dos céus irrompe com força e forte deles se apoderam*⁷². Amarão, pois, a Deus com toda a violência que um tal amor exige; odiarão o demônio e o mal sem cessar de ser mansos para com os pecadores.

Procurarão, acima de tudo, a paz, mas não hesitarão em fazer aos inimigos de Cristo uma guerra sem trégua e sem descanso. Porque se o Senhor disse: deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Eu não a dou, como a dá o mundo⁷³; é porque Ele nos diz também: não vim trazer a paz, mas sim, a espada⁷⁴.

11. A Cavalaria não é um assunto de condecorações, um pretexto de vaidade, nem um direito à consideração do mundo; os Cavaleiros não terão em vista senão os cargos e os deveres aos quais o seu estado os obriga. Na medida em que eles tiverem respondido à sua vocação e à graça da armação de cavaleiro, poderão mostrar-se orgulhosos de ser

⁶⁸ Regra dos Templários, Vida Conventual, nº 325; Recepção dos freires, nº 679.

^{69 1}Cor 6, 20.

⁷⁰ Mt 5, 5.

⁷¹ Mt 11, 29.

⁷² Mt 11, 12.

⁷³ Jo 14, 27.

⁷⁴ Mt 10, 34.

cavaleiros, segundo a palavra de S. Paulo: *quem se gloria*, *glorie-se no Senhor*⁷⁵. Que primeiramente saibam bem que o cavaleiro é o servidor de todos, e particularmente dos fracos. A humildade é uma das principais virtudes; *os mais humildes têm o primeiro lugar nos Corações de Jesus e Maria*⁷⁶. E o Senhor disse: *quem quiser ser o maior, no meio de vós, seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro, no meio de vós, seja o servo de todos; pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos⁷⁷. Que eles meditem pois muito frequentemente no seu coração a nobre divisa dos cavaleiros do Templo: NON NOBIS, DOMINE, NON NOBIS, SED NOMINI TUO DA GLORIAM*⁷⁸.

12. São Gregório Magno anuncia antecipadamente o caminho do cavaleiro quando diz: *Se procurais o cume da verdadeira honra, tendei para o reino Celeste*⁷⁹. Toda a lei da honra cavaleiresca está contida na única fidelidade, virtude por excelência do cavaleiro, a quem o Senhor dá este mandamento e faz esta promessa: *Sê fiel até à morte, e eu te darei a coroa da vida*⁸⁰.

^{75 2}Cor 10, 17.

⁷⁶ Cf. Regra de Nossa Senhora de La Salette, nº 16.

⁷⁷ Mc 10, 43 - 45.

⁷⁸ Sl 115, 1 - "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória".

⁷⁹ São Gregório Magno, Homilias sobre os Evangelhos, nº 15.

⁸⁰ Ap 2, 10.

CAPÍTULO IV

Do serviço de Nossa Senhora

- 1. Ninguém é um verdadeiro cavaleiro se não estiver pronto a sacrificar-se totalmente pela honra da sua Dama. A Dama dos Cavaleiros da Ordem é a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, e a honra de Nossa Senhora é a glória de Deus. A Ordem é sobre a terra, a título especial, a Corte da Santíssima Virgem, como os Anjos no Céu lhe são uma escolta gloriosa.
- 2. A vida espiritual dos cavaleiros está inteiramente confiada à Santa Mãe de Deus que é a Mãe do Cristo total. Ela tem por missão comunicar-lhes a vida divina e de os criar com Cristo para a vida eterna. Ela é a guardiã da sua fidelidade a Cristo, e todos lhe dirigem o grito tradicional da antiga cavalaria: NOSSA SENHORA, LIVRAI-NOS DO PERIÚRIO!
- 3. Os cavaleiros aprenderão a conhecer Cristo Jesus por Sua divina Mãe; escutarão no fundo da sua alma os segredos de santidade que Maria colhe sem cessar na intimidade do Coração de Jesus; não separarão o Coração de Jesus do Coração de Maria.
- 4. Amarão meditar o que o Evangelho, os Padres e o Magistério da Igreja nos ensinam de Maria, e darão assim à sua piedade o fundamento sólido da Fé Católica⁸¹.
- 5. Por amor para com Nossa Senhora, Virgem Fiel, espelho da perfeição divina, esforçar-se-ão por se lhe assemelhar,

imitando as suas virtudes. Particularmente:

- A fé, que recebe sem hesitação a mensagem das revelações divinas como está escrito: Bem-aventurada aquela que acreditou⁸²;
- A *pureza*, dum ser completamente dado a Deus, sem complacência para com o pecado nem compromisso com o mundo;
- A *humildade*, que reconhece a sua condição de serva⁸³ e procurar apagar-se diante de Deus;
- A *magnanimidade*, enfim, pela qual a humilde Virgem de Nazaré aceitou *dum mesmo coração*, a espada da compaixão⁸⁴ e a glória da maternidade divina e real, com todos os privilégios que daí advém.
- 6. Os irmãos honrarão a Virgem com fervor no seu santuário de CHARTRES, e contribuirão para o esplendor do seu culto pela celebração dos seus ofícios e dos seus capítulos, e por toda a espécie de boas obras. É com efeito na cripta antiquíssima de Nossa Senhora de *Sob-terra* que a *Virgem que vai dar à luz*⁸⁵ o Rei de todos os séculos se dignou estabelecer os seus cavaleiros, ensinando-lhes que só o grão metido na terra dá muito fruto⁸⁶, e que a glória futura do Reino dos Céus tem os seus começos humildes e escondidos. Do mesmo modo os irmãos honrarão os outros lugares sagrados que a Ordem recebeu a título de igrejas capitulares, nos diversos países onde está implantada, e em geral

⁸² Lc 1, 45.

⁸³ Cf. Lc 1, 38.

⁸⁴ Cf. Lc 2, 35.

⁸⁵ Inscrição antiga encontrada sob os pés da imagem de N. Senhora de Sous Terre, em Chartres, na França: "Virgini Pariturae".

⁸⁶ Jo 12, 24.

os santuários dedicados à Virgem ou visitados por Ela com vista à Parusia.

7. Os Cavaleiros da Ordem serão ardorosos em promover o reino de Nossa Senhora nas almas como nas instituições. Serão sempre os defensores da sua honra, não se resignando a ver desconhecidos ou passados sob silêncio os títulos sagrados da Mãe de Deus. Em todo o lado em que Maria for rainha, Jesus Cristo será Rei.

CAPÍTULO V

Da obediência

- 1. O verdadeiro espírito cristão reconhece na obediência não somente a condição da boa ordem em toda a sociedade, mas ainda e sobretudo o ato sobrenatural pelo qual nós rendemos homenagem à autoridade divina e restabelecemos, na justiça e na humildade de nossa submissão, a ordem hierárquica da criação quebrada pelo pecado.
- 2. Assim compreendida, a obediência é um bem⁸⁷ soberanamente desejável para todo o cristão desejoso de participar na obra da Redenção, e muito mais ainda para cavaleiros que fazem promessas de imitar Cristo e Nossa Senhora, e de estabelecer, segundo os seus meios com a ajuda da graça, uma ordem cristã no mundo.
- 3. É, pois, com a solicitude da caridade que emitirão o seu voto de fidelidade à sua Ordem, fidelidade que implica a observância da Regra e a obediência ao Mestre e aos dignatários nos limites da Regra.

Esta fidelidade conferirá a toda a sua Ordem a bela unidade das inteligências e dos corações no serviço de Nossa Senhora, Soberana da Ordem e Suserana de cada um deles.

Mas é preciso primeiro estar bem persuadido de que a *obediência*, segundo nosso Pai São Bernardo, *não pode nascer senão numa alma liberta e purificada totalmente do espírito do mundo⁸⁸*. Falando dos Cavaleiros do templo, São

⁸⁷ Regra de São Bento, 71.

⁸⁸ São Bernardo de Claraval, Sermões Diversos, sermão 41.

Bernardo diz ainda: Neles, a disciplina não falta, a obediência nunca é desprezada... Dir-se-ia que toda esta multidão não tem senão um só coração e uma só alma, de tal modo que cada um se apressa, não a seguir a sua própria vontade, mas a obedecer àquele que manda⁸⁹. E aos seus monges, precisa: Não é de resto uma obediência leprosa nem uma paciência de cão que se espera de vós; a obediência é o alimento deleitável de que o Senhor nos diz que consiste em fazer a vontade de Seu Pai.

- 4. Mas esta obediência, diz o glorioso patriarca São Bento, não seja agradável a Deus e doce aos homens senão quando o que for mandado for executado sem hesitação, sem atraso, sem tibieza, sem murmúrio e sem nenhuma palavra de resistência; porque a obediência que se deve aos superiores se liga a Deus; porque Ele disse de Si próprio: "Quem vos ouve, a mim ouve" 30.
- 5. Quer seja Deus mesmo que mande, acrescenta São Bernardo, ou um homem a quem se delega a Sua autoridade, é preciso obedecer com o mesmo zelo e o mesmo respeito. Supondo naturalmente que este homem não ordene nada que seja contrário à lei de Deus; e se tal caso se produzisse, a única regra que poderíamos seguir seria na minha opinião a que dá o Apóstolo Pedro: "É melhor obedecer a Deus do que aos homens" Só isto poderia impedir-nos de cair na situação equívoca dos Fariseus que o Senhor censurou: Por que violais o mandamento de Deus para seguir as vossas tradições humanas? De senhor censurou se seguir as vossas tradições humanas?

⁸⁹ Em louvor da nova cavalaria, IV, 7.

⁹⁰ Regra de São Bento, 5 - Lc. 10, 16.

⁹¹ At 5, 29.

⁹² Mt 15, 3.

- 6. Os cavaleiros devem, pois, obedecer segundo os sete graus que São Bernardo distingue: o consentimento da vontade, a simplicidade, a alegria, a prontidão, a coragem, a humildade e a perseverança⁹³. *Que eles sejam de uma obediência perfeita em tudo e em todo o lado*⁹⁴ porque o homem obediente cantará as suas vitórias⁹⁵.
- 7. Neste espírito, e embora todos sejam iguais no que respeita a serem cavaleiros, aceitarão facilmente a autoridade do Mestre, do Prior e do Comendador no que diz respeito às observâncias da Regra, e um certo direito de vigilância dos mesmos dignatários sobre a sua ação pessoal que sempre deve ser inspirada pelo Código de Honra e os fins da Ordem. Em particular, todo o cavaleiro é obrigado a comparecer a toda a convocação do Mestre da Ordem salvo em caso de impossibilidade reconhecida.
- 8. Os dignatários terão, contudo, atenção às circunstâncias e às situações pessoais antes de ordenar o que quer que seja de importante. Serão, pois, os mais humildes, afáveis com os seus irmãos, severos consigo próprios. *Antes de fazer uma correção, elevarão sempre a sua alma a Deus*⁹⁶.
- 9. Que os cavaleiros nunca percam de vista a grandeza da obediência, primeira e efetiva homenagem à Autoridade que vem da Paternidade divina. A disciplina é a honra e a força daqueles que compreenderam e ambicionam esta Paternidade, fonte da Justiça e da Ordem.

Os Cavaleiros farão tudo por restaurar esta grande virtude da obediência, fortemente abalada pelo espírito de

⁹³ Cf. São Bernardo de Claraval, Sermões Diversos, sermão 41.

⁹⁴ Regra de Nossa Senhora de La Salette, nº 4.

⁹⁵ Cf. Pr 21, 28.

⁹⁶ Regra de Nossa Senhora de La Salette, nº 10.

revolta satânica do mundo moderno: Porque *a rebelião equivale a um pecado de magia*, *e a obstinação à idolatria*⁹⁷. E já que *o servo não é maior que seu senhor*⁹⁸, imitarão o *Rei dos Reis e Senhor dos Senhores*⁹⁹ que se dignou submeter-se à vontade de um Outro, segundo o que disse: *Eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou*¹⁰⁰. Com efeito, o Senhor *fez-se obediente até à morte, e morte de Cruz*¹⁰¹.

10. Todavia os cavaleiros de Santa Maria farão uma oposição vigorosa e sem quebras face às leis ímpias (que não são leis). Se as leis do Estado estão em contradição declarada com a lei divina, se comportam disposições prejudiciais à Igreja ou prescrições contrárias aos deveres impostos pela religião, se violam no Pontífice Supremo a Autoridade de Jesus Cristo, em todos estes casos, há a obrigação de resistir, e obedecer seria um crime cujas consequências recairiam sobre o próprio Estado¹⁰². Porque o bem do homem e da sociedade jamais se encontram na desobediência a Deus.

^{97 1}Sm 15, 23.

⁹⁸ Jo 15, 20.

⁹⁹ Ap 19, 16.

¹⁰⁰ Jo 6, 38.

¹⁰¹ Fl 2, 8.

¹⁰² Papa Leão XIII, Sapientae Christianae, nº 12.

CAPÍTULO VI

Da correção fraterna

- 1. Se alguém tem qualquer coisa contra o seu irmão, que lhe diga em segredo, segundo o preceito divino¹⁰³, para que reine na Ordem uma santa emulação. O Senhor, que sabe separar o bem do mal, utiliza com efeito para a nossa santificação a nossa propensão para ver o argueiro nos olhos do nosso próximo. Se, depois de um primeiro aviso, o irmão não se corrige, devemos pedir-lhe de novo, juntando um ou dois outros irmãos; se ele continuar sem se corrigir, é necessário prevenir o comendador que o sancionará, e poderá impor orações à comunidade. A oração e a humildade fazem perder todo o poder a Satanás. Se um cavaleiro ofende um dos seus irmãos por palavras ou por atos, que ele repare a sua falta e se reconcilie com ele antes do pôr do sol¹⁰⁴.
- 2. Ainda que os preceitos da Regra não comprometam sob pena de pecado, não são por isso sem obrigação nem sanção. É assim que os irmãos declararão lealmente em Capítulo as suas próprias faltas exteriores à Regra, ao Código de Honra e às diversas obediências que lhes estão confiadas. O Capelão, ou na sua falta o Comendador, imporá uma ligeira reparação sob a forma de orações ou de mortificação.

Pelas faltas mais graves, ausência injustificada a vários capítulos, violação de um segredo capitular, desobediência formal a uma ordem recebida, etc... o comendador, assistido do capítulo de honra, pode impor além disso a privação

¹⁰³ Cf. Mt 18, 15.

¹⁰⁴ Cf. Ef 4, 26.

temporária do manto e a proibição temporária do quadro da obra de Deus.

Quanto às faltas muito graves contra a honra da Cavalaria, são da alçada do Capítulo de Justiça, nas condições reguladas pelo Costumeiro.

3. Todos os irmãos da Ordem têm o dever de praticar entre eles a correção fraterna, sem distinção de categoria; no que se refere ao comendador dever-se-á usar do maior respeito e sem insistir. Todavia, se se averiguar que ele violou deliberadamente um dos pontos da Regra, é necessário chamá-lo ao seu superior, a quem todos se devem submeter. Quanto ao Capelão, por respeito ao seu caráter sacerdotal, ninguém ousará corrigi-lo; todavia o comendador expor-lhe-á com franqueza e humildade o que pode ter de lhe censurar. Pode mesmo recorrer em seguida ao Capelão superior, ao Prior ou ao Mestre, se for necessário. Que o Capelão vele para não ultrapassar os seus direitos, mas que dê a todos o exemplo de uma vida santa e digna do seu sacerdócio. *E assim todos os membros estarão em paz*¹⁰⁵.

¹⁰⁵ Regra de São Bento, 34.

CAPÍTULO VII

Da penitência

1. Ninguém pode viver em plenitude a vida de Cristo, se não renuncia ao gozo egoísta dos bens da terra. O próprio Senhor nos convida a isso quando diz: se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. 106

A penitência é antes de tudo conversão do pecado à justiça. É o reconhecimento humilde, explícito e eficaz dos pecados cometidos contra a Majestade divina; o homem, excluído pela sua revolta da herança celeste, tornou-se por sua vez indigno e incapaz de usar, segundo Deus, das coisas criadas. A única atitude possível é, com o arrependimento e o firme propósito de voltar para Deus, uma adesão confiante a Cristo morto sobre a Cruz para destruir o homem velho¹⁰⁷.

Reproduzindo por um lado na sua carne a morte vivificadora de Jesus, o Cristão penitente disciplina a sua natureza rebelde, destaca-se pouco a pouco deste mundo, *porque não temos aqui cidade permanente*¹⁰⁸, para ser cada vez mais verdadeiramente súdito do reino que há de vir, e dispõe-se assim a receber com maior abundância a graça divina para ele e para toda a Igreja.

2. Os Cavaleiros de Nossa Senhora porão valentemente em ação contra o Príncipe deste mundo esta arma temível tão frequentemente recomendada pela Santíssima Virgem a seus filhos.

¹⁰⁶ Mt 16, 24.

¹⁰⁷ Cf. Rm 6, 6.

¹⁰⁸ Hb 13, 14.

Se a mortificação deve antes de tudo ser espiritual, pois o Espírito é que faz viver¹⁰⁹, deve também, para não ser ilusória, manifestar-se em práticas concretas. A Escritura e a tradição ensinam as mais fundamentais, que consistem em suprimir alguma coisa à alimentação, ao sono e ao conforto, a fim de combater eficazmente a tendência inveterada da nossa natureza decaída a instalar-se cá embaixo. Já que se trata antes de tudo de liberdade espiritual, e sendo necessário ser livre em relação às exigências invasoras da natureza decaída, com ainda mais razão é preciso libertar-se das modas e das coações do pretenso progresso moderno, cujo uso imoderado e sem necessidade é contrário tanto à paz de espírito e à clareza de inteligência como à intimidade do lar.

Em tudo isto, cada um agirá com prudência e discrição e segundo as orientações do seu diretor espiritual. Mas não se deixará levar pelos sofismas do pseudo-humanismo, lembrando-se que o homem não atinge a sua plenitude senão em Cristo morto e ressuscitado, e vivendo para uma vida nova.

3. É preciso não deixar de fazer em todo o tempo uma certa mortificação, mas a Quaresma é para todos a ocasião de intensificar a oração e a penitência, para que apague nestes dias santos as faltas do ano. Esforçar-se-á por assistir à missa mais frequentemente, se é possível; aplicar-se mais vezes à leitura sagrada e suprimir algumas das distrações legítimas que ficam bem noutras ocasiões do ano.

Espere-se assim a santa Páscoa com a alegria de um desejo completamente espiritual¹¹⁰.

4. O sacramento da penitência é um banho vivificante

¹⁰⁹ Jo 6, 63.

¹¹⁰ Regra de São Bento, 49 - Cf. Vaticano II, Sacrosanctum Concilium, nº 109 e 110.

no Sangue de Cristo que nos purifica de todo o pecado e dá à alma o brilho de sua beleza espiritual. Os irmãos aproximar-se-ão dela frequentes vezes na alegria do Espírito Santo.

- 5. O pensamento da morte é familiar ao cavaleiro, mesmo fora dos perigos da guerra. É bom que se habitue a olhar a morte de frente, sem medo nem amargura, pois que o Senhor a saboreou antes de nós e por ela nos resgatou. Com efeito, para os que creem, a vida não é tirada, mas transformada¹¹¹, e depois das trevas deste mundo vem a luz do Reino.
- 6. Os irmãos lembrar-se-ão enfim que a penitência é, com a oração, a condição de salvação das almas como das cidades; porque o Senhor declarou: *se não vos arrepender-des, porém, perecereis todos do mesmo modo*¹¹². E o escritor sagrado, inspirado pelo Espírito Santo, conta como Deus perdoou a Nínive, porque seus habitantes fizeram penitência¹¹³.

Que eles também tenham sempre diante dos olhos, para os encorajar, a imagem da Imaculada de pé junto da Cruz.

¹¹¹ Missal Romano (2ª Edição - Brasil), Prefácio dos Mortos I.

¹¹² Lc 13, 5.

¹¹³ Cf. Jn 3, 1-10.

SEGUNDA PARTE

OBSERVÂNCIAS LITÚRGICAS E ESPIRITUAIS

CAPÍTULO VIII

Das Festas da Ordem

1. Os Cavaleiros de Nossa Senhora, votados ao serviço da Igreja e da cristandade, celebrarão antes de tudo com fervor as grandes solenidades do ano litúrgico: Natal e Epifania, Páscoa, Ascensão e Pentecostes. Mas como são comuns a todos os Cristãos, acrescentar-se-ão doze festas próprias.

Uma festa solene:

1) A Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus e Rainha do mundo, titular da Catedral de Chartres (15 de Agosto).

Cinco festas maiores:

- 2) Cristo Rei (último domingo "per annum");
- 3) Sagrado Coração de Nosso Senhor Jesus Cristo (sexta-feira depois do II domingo depois de Pentecostes);
- 4) Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria (8 de Dezembro);
- 5) São Miguel Arcanjo, príncipe da milícia Celeste e Grão-Mestre da Ordem *(29 de Setembro)*;
- 6) Natividade de São João Batista, Precursor do Senhor e Patrono da Cavalaria (24 de Junho);

Seis Festas Menores:

7) São José, Esposo da Virgem e Patrono da Igreja universal (*1 de Maio*);

- 8) São Jorge, Patrono da Cavalaria (23 de Abril);
- 9) São Bento, Abade e Patriarca dos Monges do Ocidente (11 de Julho);
- 10) São Bernardo de Claraval, Pai dos Cistercienses e dos Templários (20 de Agosto);
- 11) São Luís Maria Grignion de Montfort, doutor da verdadeira devoção à Santíssima Virgem (28 de Abril);
- 12) Santa Joana d'Arc, enviada de Deus para instaurar o Reino de Cristo (*30 de Maio*).

Além disso, todas as festas de Nossa Senhora inscritas no Calendário da Igreja Universal serão honradas pelos irmãos. Cada Priorado, cada Comendadoria poderá celebrar a festa do seu Santo Patrono e alguns santos locais.

2. Na festa solene e nas festas maiores, os irmãos ouvirão Missa e comungarão, se possível em comum e das mãos do seu Capelão.

Nas festas menores, esforçar-se-ão por fazer o mesmo, mas sem obrigação nenhuma.

Enfim, escolher-se-ão estas festas de preferência a qualquer outra para profissões e as cerimônias de armar cavaleiros, para as recepções, para os capítulos, e em geral para toda a reunião ou atividade comum da Ordem.

Em todas as cerimônias da Ordem, os Irmãos vestirão o hábito da Ordem, os Cavaleiros trazendo o manto branco com a cruz azul. Todos terão grande cuidado com o hábito e tratá-lo-ão com respeito segundo o preceito da Regra dos templários: *Cada irmão deverá trazer com honra o seu manto*. O hábito da Ordem, que deverá sempre guardar a

sua nobre simplicidade, é com efeito o sinal da Consagração a Nossa Senhora para o Serviço da Cavalaria¹¹⁴.

3. Os irmãos aplicar-se-ão a meditar o ensino que contém cada uma destas festas, para que o ponham em prática na sua própria vida e na da Ordem.

¹¹⁴ Cf. Vaticano II, Perfectae Caritatis, nº 17.

CAPÍTULO IX

Da Santa Missa

- 1. A participação cotidiana no Santo Sacrifício era um uso geralmente espalhado entre os antigos cavaleiros, tanto seculares como regulares; é uma perfeição para a qual cada um deve tender hoje com todas as suas forças. Quanto mais nos elevarmos na vida espiritual, mais sentiremos a necessidade de ir cada dia à fonte bendita, de onde corre toda a bênção para a Igreja e para o mundo.
- 2. Os membros da Ordem não são contudo obrigados estritamente a ouvir Missa senão uma vez por semana além da de domingo, no dia que lhes for indicado em Capítulo pelo comendador tendo em conta as suas possibilidades. O Comendador estabelece o quadro da *Obra de Deus* de tal modo que cada dia pelo menos um irmão seja oficialmente delegado para representar a sua comunidade diante do altar do Rei dos Anjos.
- 3. Nos dias em que não assistem à Santa Missa os irmãos fazem, na medida do possível, uma visita ao Santíssimo Sacramento.
- 4. Os irmãos poderão também, com muito fruto, participar real e plenamente no sacrifício de Cristo recebendo cotidianamente a Sagrada Comunhão¹¹⁵; assim, não somente consolidarão a sua união pessoal com Cristo, mas ainda contribuirão eficazmente para a edificação do Seu Corpo

¹¹⁵ Cf. São Pio X, Sacra Tridentina Synodus; Cf. Vaticano II, Sacrosanctum Concilium, nº 55.

Místico, isto é, para tornar a Igreja de Deus sempre mais una, mais santa, mais forte e mais bela até o regresso glorioso do Seu Esposo.

- 5. No domingo e nas grandes festas, principalmente na Páscoa e no Natal, os Ofícios cantados, sobretudo em latim e em gregoriano, em todo o seu esplendor tradicional terão a preferência dos Cavaleiros de Nossa Senhora; e isto é, não somente por causa da sua beleza estética, mas pela sua incomparável riqueza sobrenatural¹¹⁶.
- 6. Que todos compreendam, pois, o imenso valor da Santa Missa, e que façam dela, a exemplo dos primeiros cristãos e dos antigos cavaleiros, o ponto culminante do seu dia e da sua vida.

¹¹⁶ Cf. Vaticano II, Sacrosanctum Concilium, nºs 54, 113 e 116.

CAPÍTULO X

Das Horas de Nossa Senhora

- 1. Os Cavaleiros da Ordem de Santa Maria devem viver profundamente da vida da Igreja pela Liturgia, concebida como a oração cristã por excelência, mais perfeita que todas as outras formas de oração, porque ela é a própria voz da Esposa infinitamente amada de Cristo¹¹⁷.
- 2. Depois da Missa, o Ofício de Nossa Senhora é pois o seu principal tributo de louvor ao Senhor, e cumpri-lo-ão com fidelidade, seguindo nisso o preceito do Patriarca dos Monges do Ocidente: *Nada preferir à obra de Deus*¹¹⁸.
- 3. Cada cavaleiro está pois estritamente obrigado à recitação integral do Ofício durante a semana, à razão de uma hora litúrgica por dia, durante a qual ele reza em nome de todos os irmãos que podem assim unir-se a ele. No capítulo o comendador indica a cada um a sua hora cotidiana estabelecendo o quadro da *Obra de Deus*. O Ofício deve ser recitado integralmente cada dia pelo conjunto da comendadoria.
- 4. Todavia, os irmãos não se devem contentar com o mínimo exigido pela Regra. Exercitar-se-ão pois pouco a pouco a dizer todas as horas, o que atrairá sobre eles e sobre a Ordem as bênçãos de nossa Senhora.
- 5. Os irmãos esforçar-se-ão tanto quanto possível por recitar o Ofício no tempo prescrito, agrupando as Horas à volta dos principais acontecimentos. *Matinas*, de manhã ou

¹¹⁷ Cf. Vaticano II, Sacrosanctum Concilium, nº 83.

¹¹⁸ Regra de São Bento, 19.

na véspera à noite; *Laudes* (ou Prima) no começo do dia, de preferência antes da Missa; *Terça*, cerca das dez horas; *Sexta*, antes do almoço; *Noa*, depois da refeição; *Vésperas*, antes do jantar; *Completas*, antes de deitar.

As horas de Nossa Senhora, começando assim o dia do Cavaleiro, consagram os momentos principais e terminam-no porque Nossa Senhora esteve na origem da nossa Ordem; para ela e para sua honra será, se agradar a Deus, o fim das nossas vidas e o fim da nossa Ordem, quando Deus quiser que assim seja¹¹⁹.

6. Quando se encontrarem dois ou mais reunidos no momento prescrito para uma hora, salmodiá-la-ão conformando-se com os ritos tradicionais, se a disposição do lugar permitir. Se se celebrar nesse dia uma festa da Ordem ou de Nossa Senhora, seria bom poder cantá-la. Os que tiverem assistido a uma hora qualquer do Ofício Canônico não serão obrigados a recitar a Hora correspondente do Ofício de Nossa Senhora.

Do mesmo modo, se algum irmão prefere dizer em privado o Breviário Romano ou Monástico, poderá fazê-lo conformando-se todavia ao quadro da Obra de Deus.

7. Os irmãos que pertençam a um dos ritos orientais recitarão o seu próprio Ofício em honra da Santíssima Mãe de Deus; no rito bizantino não se omitirá o hino *Akathistos*.

¹¹⁹ Regra dos Templários, Regra primitiva, nº 16; Vida Conventual, nº 306; Recepção dos freires, nº 685.

CAPÍTULO XI

Da Oração

- 1. Se toda a vida do Cavaleiro de Nossa Senhora deve ser feita de adesão tranquila da alma a Deus para o procurar em todas as coisas e cumprir a sua santa vontade, convém, contudo, reservar um ou mais momentos do dia à oração mental.
- 2. Os irmãos não estão sujeitos a nenhum método propriamente dito, mas a sua oração, a exemplo da de Nossa Senhora, brotará espontaneamente do seu coração, alimentada pela Sagrada Escritura e pela Liturgia.
- 3. Fá-la-ão curta, para não se distraírem¹²⁰, salvo se a graça da inspiração divina os levar, pela afeição, a prolongá-la¹²¹, porque é preciso, por assim dizer, arrancá-la depressa das fauces do inimigo enquanto está ainda muito fervorosa¹²². E saberão bem que não é pela multidão das palavras que serão atendidos, mas pela pureza de coração e pelas lágrimas de compunção¹²³.
- 4. Lembrar-se-ão ainda deste princípio: Aquele que só reza quando está de joelhos, reza pouco. Mas aquele que, quando está de joelhos, se abandona a todas as distrações, nada reza¹²⁴.
 - 5. Também, além do tempo consagrado à oração,

¹²⁰ Cf. São João Cassiano, Conferências, IX, cap. 36.

¹²¹ Regra de São Bento, 20.

¹²² São João Cassiano, Instituições Cenobíticas, Livro II, cap. 10.

¹²³ Regra de São Bento, 20.

¹²⁴ Cf. São João Cassiano, Conferências, X, cap. 14.

aplicar-se-ão, desde que tenham o espírito livre – quer seja durante o manual, quer durante as idas e vindas – a meditar docemente no seu coração a Palavra de Deus e os Mistérios da Fé, e a semear o seu dia de orações, jaculatórias tais como a Oração do Nome de Jesus e a invocação: "Óh! Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós". Assim, terão neles os mesmos sentimentos que Jesus Cristo¹²⁵, e cumprirão o preceito do Apóstolo: *Orai sem cessar*¹²⁶.

6. Os irmãos farão cada ano um retiro fechado de vários dias num mosteiro, a fim de ter parte nas graças abundantes que irradiam desses lares benfeitores de oração. Aprenderão assim, no silêncio e no recolhimento da solicitude monástica a melhor compreender a sua vocação e a responder-lhe cada vez mais com generosidade.

¹²⁵ Cf. Fl 2, 5.

^{126 1}Ts 5, 17; cf. Lc 18, 1.

CAPÍTULO XII

Da leitura espiritual

1. Que a oração conduza à santa leitura e que a santa leitura conduza à oração¹²⁷ para que jamais se interrompa o diálogo da alma com Deus. Rezar, com efeito, é falar com o Senhor, mas ler as Escrituras é ouvi-lo.

Os irmãos procurarão pois na Palavra de Deus não um simples meio de chegar à oração, mas o fundamento da sua vida espiritual, o princípio da adoração em espírito e em verdade.

2. Não se pode pretender a compreensão das Sagradas Letras sem a pureza do coração, que supõe uma vida sem mácula: porque a *Escritura é compreendida por cada um segundo as disposições em que se encontra*¹²⁸: ela parece terrestre aos carnais e divina aos espirituais.

Além do mais, é necessário ler a Palavra de Deus com o próprio espírito da Igreja, único que, porque ela é Esposa de Cristo, lhe apreende perfeitamente e integralmente o sentido. Para este fim, utilizar-se-ão com proveito os comentários dos Santos Padres e dos escritores eclesiásticos, os textos inseridos no Ofício divino com a sua interpretação litúrgica, e também os trabalhos de exegese científica aprovados pela Igreja¹²⁹. Quanto às obras de teologia e de espiritualidade e às vidas dos santos, serão como que a ilustração do texto sagrado.

¹²⁷ São Jerônimo; Cf. Vaticano II, Dei Verbum, nº 21.

¹²⁸ São João Cassiano, Conferências, XIV, cap. 11.

¹²⁹ Cf. Papa Pio XII, Divino Afflante Spiritu; Cf. Vaticano II, Dei Verbum, nº 23.

Enfim, antes de cada leitura, é preciso invocar instantemente o Autor das Escrituras para nos desvendar o *sentido* profundo escondido na letra exterior¹³⁰.

- 3. Assim preparados, os irmãos abrirão a Bíblia Sagrada penetrados de um grande respeito e animados do vivo desejo de comungar a Sabedoria divina. Lerão em companhia de Nossa Senhora, com a sua simplicidade, a sua humildade, a sua caridade. Porão no seu coração aquela escada mística que Jacó viu em Betel, e que ligava o Céu à terra¹³¹:
- O primeiro degrau é a leitura atenta e recolhida do texto sagrado;
- O segundo é a sua meditação, pela qual nós aplicamos a nossa inteligência e o nosso coração para penetrar no sentido literal e completo;
- No terceiro, a alma saboreia a suavidade da Palavra e se perde em louvores, em ações de graças, em pedidos e em arrependimento: é a oração;
- O quarto degrau é a contemplação que nos faz gozar da sabedoria infinitamente variada de Deus na unidade dum simples olhar.

Os anjos que sobem e descem ao longo desta escada representam os estados da alma que passa continuamente de um degrau para o outro sob o influxo do Espírito Santo.

Aquele que repousa junto desta escada habita verdadeiramente em Betel, na casa de Deus, e goza verdadeiramente da amizade divina e da companhia dos Anjos.

¹³⁰ São Bernardo de Claraval.

¹³¹ Cf. Gn 28, 10-22.

4. Segundo os desejos dos Soberanos Pontífices e do Concílio Vaticano II¹³², alimentar-se-ão frequente e abundantemente da Palavra de Deus: seguirão tanto quanto possível, na leitura, a ordem dos Livros Santos estabelecidos pela Igreja para as diferentes épocas do ano litúrgico.

Deixar-se-ão transformar pouco a pouco por esta Palavra que é viva, eficaz e mais penetrante que qualquer espada de dois gumes. Penetra até dividir alma e espírito, articulações e medulas. Julga os pensamentos e as intenções do coração¹³³, e cuja virtude aparece brilhante e inefável quando o amor divino penetra a alma daquele que a leu¹³⁴.

5. Quanto a esta regra, os irmãos lerão algumas passagens todas as semanas, aplicando-se a penetrar-lhe o espírito e a guardar-lhe a letra. *Quem é fiel nas pequenas coisas, será fiel também nas grandes*¹³⁵.

¹³² Cf. Papa Pio XII, Divino Afflante Spiritu; Cf. Vaticano II, Dei Verbum, nº 25.

¹³³ Hb 4, 12.

¹³⁴ Esmaragdo de São Mihiel, Le diadème des moines, cap. 3.

¹³⁵ Lc 16, 10.

CAPÍTULO XIII

Do Rosário, da Coroa Angélica e do Angelus

1. Os irmãos dirão pelo menos um Rosário por semana em todos os lugares e em todas as circunstâncias. Meditarão os mistérios e escutarão Nossa Senhora.

Recitar o Rosário é realmente fazer companhia à Santa Mãe de Deus e participar no triunfo daquela que é chamada *vencedora de todas as batalhas de Deus*¹³⁶, e que, por este mesmo Rosário, deu várias vezes a vitória a seus filhos sobre os infiéis¹³⁷.

2. Todas as quartas-feiras e nas Festas dos Santos Anjos, é-lhes recomendado recitar a coroa angélica ou terço de São Miguel. Convém, com efeito, no mais elevado grau que os Cavaleiros de Nossa Senhora vivam habitualmente na presença dos Anjos de Deus, e recorram a eles sem cessar pela oração e pelo combate, implorando a sua ajuda para a conversão das nações e das comunidades humanas.

Estes seres sublimes que cantavam em coro na ocasião da criação do mundo visível¹³⁸, cume da beleza criada depois de Jesus e Maria, tronos da divindade¹³⁹ e contempladores da sua Face¹⁴⁰, Príncipes e governadores do mundo e das nações¹⁴¹, não hesitaram em lançar a sua coroa aos pés de

¹³⁶ Papa Pio XII; Cf. Petit Office - Antiennes de Matines, Laudes et None.

¹³⁷ Referência à Batalha de Lepanto, de 1571.

¹³⁸ Cf. Jó 38, 7.

¹³⁹ Cf. 2Rs 19, 15; Sl 79, 2; Sl 98, 1; Is 38, 16; Cl 1, 16.

¹⁴⁰ Cf. Tb 12, 15; Mt 18, 10.

¹⁴¹ Cf. Dn 10, 13, 20-21; Dt 32, 8.

Cristo Rei¹⁴², e foram feitos por amor para com ele e Sua Santa Mãe os servidores de nossa salvação e nossos companheiros no serviço¹⁴³. Como serviram a Cristo durante a Sua vida terrestre¹⁴⁴, dignaram-se velar sobre os fiéis, participar nas suas liturgias¹⁴⁵, iluminar os seus espíritos na oração¹⁴⁶, afastar as ciladas do demônio¹⁴⁷. Prepararam assim no meio do mundo a vinda do Rei Jesus, que escoltarão no Dia de Sua Parusia¹⁴⁸.

O terço de São Miguel, invocando os três Arcanjos e as santas hierarquias, e suplicando à Rainha dos Anjos, ajudará imensamente os irmãos a viver em Espírito na Cidade Celeste, e revesti-los-á das armas da luz¹⁴⁹ para vencer a tentação e expulsar o diabo.

3. Quanto ao *Angelus*, pertence incontestavelmente à tradição da Cavalaria. Esta graciosa saudação é particularmente recomendada aos Cavaleiros de Santa Maria.

¹⁴² Cf. Ap 4, 10.

¹⁴³ Cf. Ap 19, 10; Ap 22, 9.

¹⁴⁴ Cf. Mt 4, 11; Lc 22, 43.

¹⁴⁵ Cf. Erik Peterson, Le livre des Anges, Ia, e IIa parte.

¹⁴⁶ Cf. Doutrina Comum dos Padres da Igreja, especialmente Clemente.

¹⁴⁷ Cf. Ritual Romano, Ritual dos Exorcismos.

¹⁴⁸ Cf. Mt 16, 27.

¹⁴⁹ Cf. Rm 13, 12.

CAPÍTULO XIV

Da delicadeza de que é preciso rodear a Santa Mãe de Deus

- 1. Para serem frutuosos, todos os exercícios regulares devem ser cumpridos em espírito de louvor divino e mariano, e como diz São Bento: *Lembrai-vos sem cessar do que diz o profeta: Fazei o serviço do Senhor com temor.* E ainda: *sal-modiai com docilidade e Eu contar-vos-ei no número dos Anjos*¹⁵⁰.
- 2. O Cavaleiro deve pois ter uma preocupação constante: louvar a Nossa Senhora. Além das práticas enumeradas acima, o seu amor profundo e delicado traduzir-se-á por um certo número de gestos discretos tais como: na Igreja, depois da genuflexão, fará uma saudação inclinando-se ligeiramente em direção de alguma imagem de Maria Santíssima; ao acordar o seu primeiro pensamento será para Nossa Senhora, dirá AVE MARIA; ao longo do Ofício fará uma vênia todas as vezes que encontrar o dulcíssimo nome de Maria; toda a oração como toda a ação importante do dia começará pelo versículo e seu responso:
 - V. DIGNARE ME LAUDARE TE, VIRGO SACRATA!
 - R. DA MIHI VIRTUTEM CONTRA HOSTES TUOS.

Trará sempre consigo e medalha milagrosa, testemunho da sua fidelidade à sua Rainha.

3. Nas festas de Nossa Senhora, os cavaleiros farão à

¹⁵⁰ Regra de São Bento, 19; Sl 2, 11; Sl 46,8; Sl 137, 1.

sua Dama uma oferta suplementar, uma oração ou qualquer gentileza e cortesia que lhe for inspirada pelo Espírito Santo. Tentarão ainda encontrar outros sinais do seu amor. O sorriso de Nossa Senhora, graça acompanhada de mil bênçãos, dom de paz e de caridade, recompensá-los-á.

TERCEIRA PARTE

OUTRAS OBSERVÂNCIAS

CAPÍTULO XV

Da assistência aos capítulos

- 1. Os irmãos assistirão aos capítulos da Ordem todas as vezes que sejam solicitados pela autoridade competente; se estão impedidos por causa grave, não esquecerão de solicitar uma dispensa em tempo oportuno ou, em caso de impossibilidade, de se desculpar sem demora; porque a boa educação é para um cavaleiro uma manifestação espontânea da caridade fraterna. Os capítulos de Comendadorias terão lugar pelo menos uma vez por mês; ter-se-á cuidado, tanto quanto possível, de prevenir os irmãos pelo menos com oito dias de antecedência antes da data prevista. Esta data será escolhida pelo Comendador com o acordo do Capelão, tendo em conta as possibilidades da maioria.
- 2. O Capítulo começará pela oração. Um dos irmãos lerá uma passagem da presente Regra, que será comentada pelo Comendador ou pelo Capelão. O Comendador dará em seguida notícias da Ordem e tratará das questões da ordem do dia que possam interessar o conjunto da comunidade; ouvirá os relatos da atividade e distribuirá as diversas tarefas a cumprir até ao próximo Capítulo. O Capelão dirá por fim as orações prescritas e, depois da recitação alternada do Código de Honra, dará a sua bênção. Se a reunião capitular deve seguir imediatamente, o Comendador dirá *Loquamur de ordine nostro*, e todos aqueles que não são capitulares sairão. O Comendador tratará das questões reservadas a esta reunião, e aconselhar-se-á para as decisões respeitantes ao governo da Comendadoria. Em seguida virá a declaração das

faltas à Regra: os Freires-de-armas e os Escudeiros primeiro, depois os Donatos e os Cavaleiros. O Capelão imporá uma ligeira reparação, como está dito no capítulo da correção fraterna. Depois do que se termina pelo versículo *Adiutorium nostrum*.

Exceto os postulantes, ninguém estranho à Militia pode assistir a um capítulo sem o convite do Comendador. Tudo o que for dito ao longo do Capítulo e sobretudo da reunião capitular, deve ser tratado como confidencial, de acordo com o uso monástico e cavaleiresco¹⁵¹ salvo todavia para com a Hierarquia Eclesiástica.

3. Os irmãos devem saber que um Capítulo não é uma reunião vulgar onde se trata de questões mundanas, nem ocasião de discorrer não importa sobre que assunto seguindo unicamente cada qual as suas ideias pessoais, mas que se trata de uma reunião santa, sob o olhar de Deus, para o exame das questões relativas ao Seu Reino.

Cada um velará, pois, para guardar um comportamento exterior irrepreensível, e abster-se de toda conversa privada, e a ficar em silêncio absoluto durante a leitura da Regra e o comentário que se lhe segue¹⁵².

Os irmãos que solicitarem e obtiverem a palavra exprimir-se-ão claramente, com moderação e sem gritaria; se acontecer que entre eles dois sejam de opinião diferente sobre uma questão estudada no capítulo, tocando por exemplo uma atividade nova a empreender ou não, defenderão o seu ponto de vista com calma e caridade, sem azedume nem orgulho, e submeter-se-ão de bom coração a decisão

¹⁵¹ Regra dos Templários, Penas, nº 225; nº 390; nº 391; Eleição do Mestre, nº 223.

¹⁵² Regra dos Templários, Realização dos Capítulos Ordinários, nº 393.

do Comendador qualquer que ela seja, pois aquele que permanece na humildade e na obediência está certo de jamais se enganar.

CAPÍTULO XVI

Do trabalho do corpo e do espírito

- 1. Os cavaleiros de Santa Maria sabem que o homem é ao mesmo tempo *corpo*, *alma e espírito*¹⁵³. O corpo humano é a epifania da alma e o templo do Espírito Santo¹⁵⁴; deve, pois, ser puro, ágil e belo em toda a medida do possível. Deve manifestar a todos por suas atitudes simultaneamente simples e nobres, perfeitamente harmonizadas com os sentimentos da alma, o esplendor da graça *derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*¹⁵⁵.
- 2. O Cavaleiro de Santa Maria reza com o seu corpo, e não apesar dele; santifica-se nele e por ele, não contra ele, o corpo. Conhece o valor do gesto na liturgia e na vida espiritual; evita com cuidado os gestos automáticos e vazios que são outras tantas profanações do corpo: a sua genuflexão é um ato de adoração, e quando reza em pé, honra em espírito e verdade a Ressurreição do Senhor, e a sua que há de vir.
- 3. O Cavaleiro de Santa Maria tem estima pelo trabalho manual; mesmo e sobretudo se o seu dever de estado não o comporta, aplica-se a ele de bom grado, a fim de repousar o seu espírito, de exercitar a habilidade corporal, e de imitar o Senhor Jesus em Nazaré.
- 4. Normalmente, um Cavaleiro de Santa Maria deve estar pronto a cumprir toda missão e a enfrentar qualquer situação, mesmo a mais inesperada e a mais perigosa, para

¹⁵³ Cf. 1Ts 5. 23.

¹⁵⁴ Cf. 1Cor 6, 19.

¹⁵⁵ Rm 5, 5.

serviço e defesa da Igreja e da civilização cristã. Uma tal disponibilidade supõe um treino físico e moral constante e metódico, sobretudo nos irmãos mais jovens. Os dignatários velarão com cuidado para que tal treino não se abrande.

- 5. Por outro lado, a vida espiritual dos irmãos, assim como a sua ação exterior, exige uma cultura humana e religiosa cada vez maior. Submeter-se-ão assiduamente ao estudo da teologia e da Sagrada Escritura, da história profana e eclesiástica, da tradição cavaleiresca e das instituições da cristandade, do ensinamento político e social dos Romanos Pontífices¹⁵⁶.
- 6. Os fins da Ordem devem ser prosseguidos por meios concretos. Nenhum irmão se pode contentar com uma boa vontade que não se traduza em ato. Cada Cavaleiro escolherá pois uma atividade especial, com o acordo dos dignatários competentes, tendo em conta as necessidades do momento, os seus gostos e afinidades, a sua cultura geral e as suas possibilidades materiais. Empreenderá então os estudos de base e agrupar-se-á para a ação com aqueles que escolheram o mesmo assunto.

¹⁵⁶ Cf. Vaticano II, Apostolicam Actuositatem, nº 29.

CAPÍTULO XVII

Da vida familiar dos cavaleiros

- 1. Os Cavaleiros de Santa Maria terão em grande estima o casamento cristão instituído pelo próprio Deus, e elevado por Ele à dignidade de símbolo da união de Cristo com a Santa Igreja. Que eles amem pois a sua mulher como Cristo também amou a Igreja e se entregou por ela, para apresentá-la a si mesmo toda bela, sem mancha nem ruga ou qualquer reparo, mas santa e sem defeito¹⁵⁷; do mesmo modo, que as mulheres amem seus maridos e lhes sejam submissas como ao Senhor, pois o marido é a cabeça da mulher, como Cristo também é a cabeça da Igreja, seu Corpo, do qual ele é o Salvador¹⁵⁸. O seu amor assim projetado até Deus atingirá a plenitude do seu significado e atrairá sobre o seu lar as bênçãos do Altíssimo.
- 2. Os Cavaleiros que são chefes de família devem esforçar-se por dar à família a sua verdadeira fisionomia e o seu valor tradicional sabendo desempenhar o seu papel de Pai, primeira e legitimamente estabelecido por Deus. Imagem da Paternidade divina, a família é, com efeito, a célula inicial da sociedade e o Pai é nela uma espécie de *Sacerdote e Rei*¹⁵⁹.
- 3. Consagrarão ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria o seu lar, para que aí reinem a Paz e o seu Amor. Honrarão São José, *filho de Davi*¹⁶⁰ e chefe da Sagrada Família, primeiro Cavaleiro servidor da Rainha

¹⁵⁷ Ef 5, 25-27.

¹⁵⁸ Ef 5, 22-23.

¹⁵⁹ Cf. Ap 1, 6; Ap 5, 10.

¹⁶⁰ Mt 1, 20.

do Céu. Darão à sua família uma vida espiritual profunda por meio das práticas tradicionais. Instaurarão em sua casa as orações em comum, pelo menos a da noite; esta poderá começar por uma leitura da Bíblia em voz alta, seguida de um curto momento de meditação silenciosa, depois a oração dominical e a saudação angélica ditas lenta e religiosamente pelo pai, a não ser que rezem Completas; em seguida dir-se-ão as intenções particulares e terminar-se-á pela Oração da Missa do dia. Rezar-se-á de joelhos durante a semana e de pé no sábado e no domingo, assim como durante o Tempo Pascal em honra da Ressurreição do Senhor.

Os irmãos dirão ainda a bênção da mesa, abençoarão à noite a sua mulher e os seus filhos, enfim, restaurarão a maior parte dos ritos da liturgia familiar de nossos antepassados.

Vigiarão para proteger seu lar contra as intrusões do mundo profano, porque é um santuário que não deve ser conspurcado¹⁶¹.

- 4. Todo o acontecimento de alguma importância na vida da Família será acompanhado de orações e de ações de graças, e associar-se-ão nelas outros cavaleiros, pois todos são irmãos e *membros uns dos outros*¹⁶².
- 5. Arranjarão, se for possível, um local da casa como oratório. Ensinarão aos filhos os primeiros rudimentos da Fé, segundo as palavras do salmista: aquilo que ouvimos e aprendemos, o que nossos pais nos contaram, não o ocultaremos a seus filhos. vamos contar à geração futura os louvores do Senhor e seus prodígios¹⁶³.

¹⁶¹ Cf. Cf. Vaticano II, Apostolicam Actuositatem, nº 11.

¹⁶² Ef 4, 25.

¹⁶³ Sl 78, 3-4.

CAPÍTULO XVIII

Dos deveres dos cavaleiros para com o próximo

- 1. Em face do próximo e da sociedade em geral, o cavaleiro compromete-se a fazer reinar a justiça, o que é propriamente o seu papel:
- A intervir sempre e em todo o lado, com uma justa prudência, quando se trata de defender a verdade em geral e a Fé em particular, segundo o preceito do Apóstolo que recomenda insistir *a tempo e a contratempo*¹⁶⁴, expressão que é divisa da Ordem: e a fim de obedecer a esta outra advertência da Sagrada Escritura: *Luta pela justiça até a morte*, *e Deus submeterá diante de ti teus inimigos*¹⁶⁵.
- A não deixar oprimir ninguém, mas a defender em todo o lado e sempre, na medida dos seus meios, o fraco, a viúva e o órfão contra os seus opressores, mesmo e sobretudo se estes últimos forem poderosos.
 - A não deixar caluniar ninguém.
 - A não deixar ninguém blasfemar.
- A ensinar ao mundo, principalmente pelo exemplo duma vida *sem medo e sem mancha*¹⁶⁶, a verdadeira natureza da honra que é a prática da fidelidade na humanidade.
 - A manter a palavra dada livremente.

^{164 2}Tm 4, 2.

¹⁶⁵ Sr 4, 33.

¹⁶⁶ Divisa do Cavaleiro Bayard (Pierre Terrail LeVieux, senhor de Bayard).

- A agir de tal modo *que em todas as coisas Deus seja* glorificado¹⁶⁷.
- 2. Em face do seu dever de estado profissional, os cavaleiros devem medir exatamente a extensão das exigências da sua vocação.

Mostrem-se pois cristãos perfeitos, desejosos de imitar Cristo na sua vida laboriosa de Nazaré, a fim de oferecer a Deus o seu trabalho e o dos outros em sacrifício de louvor.

Como Cristo, amarão o trabalho bem-feito que procede do amor.

Os que tiverem o cargo de serem chefes serão de uma honestidade e de uma integridade perfeitas, porque balança falsa é abominação diante do Senhor, mas o peso exato é o que lhe agrada¹⁶⁸.

Serão sempre justos e equitativos, vigiarão por dar a cada um segundo as suas necessidades¹⁶⁹.

Amarão acima de tudo a verdade; nada de lisonjas nos seus discursos ou no seu comportamento, porque o Apóstolo disse: *se ainda quisesse agradar aos homens, não seria servo de Cristo*¹⁷⁰.

É por isso que amarão verdadeiramente os seus companheiros de trabalho, procurando sinceramente o bem comum e lembrando-se sem cessar da palavra de São Paulo: *Que o amor não seja falso*¹⁷¹.

¹⁶⁷ Regra de São Bento, 57.

¹⁶⁸ Pr 11, 1.

¹⁶⁹ Cf. At 4, 35.

¹⁷⁰ Gl 1, 10.

¹⁷¹ Rm 12, 9.

Resolver-se-ão enfim a aplicar integralmente e a fazer aplicar a doutrina social da Igreja tal qual se encontra nas encíclicas do Soberano Pontífice.

3. Ao combater para defender a Fé, quer por palavras, quer por escrito, quer de qualquer outro modo, os cavaleiros de Santa Maria lembrar-se-ão que a mais santa das causas não deve ser profanada por meios indignos de um soldado de Cristo que recebeu de seu Senhor a ordem de amar os seus inimigos¹⁷².

Através do adversário visível, é o inimigo invisível que deve ser perseguido; ora este não pode ser deitado por terra senão pela Verdade, Justiça e Amor. O combate cavaleiresco exclui absolutamente o ódio, sob qualquer aparência legítima de caridade que se apresente, porque ele precede da Caridade bem entendida, e toma exemplo no Senhor expulsando os vendilhões do templo¹⁷³ com a doçura do Cordeiro no coração e o vigor do leão no braço.

Os Cavaleiros devem preparar-se para as batalhas de Deus pela oração e penitência, a caridade e a humildade, pedindo instantemente a protecção da sua Dama, terrível como um exército em ordem de batalha¹⁷⁴. Que se humilhem antes de tudo, considerando o quanto são indignos de combater pelo Reino de Deus, eles que ainda não conseguiram submeter-se a ele perfeitamente. Que não ponham a sua confiança nas suas próprias forças, mas que esperem no Senhor dos Exércitos de quem somente vem a vitória.

Mas no combate nada devem negligenciar do que é

¹⁷² Cf. Mt 5, 44.

¹⁷³ Cf. Jo 2, 14-16.

¹⁷⁴ Ct 6, 10.

humanamente necessário para vencer os seus adversários. Devem também manter neles uma santa indignação ao verem os ataques diabólicos contra a Igreja, um salutar horror dos poderes tenebrosos deste mundo, uma invencível aversão da mentira e do erro.

E quando o momento de combater chegar, que imitem os templários que São Bernardo louvava: deixando para trás a sua habitual mansidão, diziam para si mesmos: não aborrecerei Senhor os que te aborrecem; não me repugnarão os que se revoltam contra ti?¹⁷⁵

Que eles continuem contudo sempre senhores de si próprios, e mesmo se o adversário empregar processos desonestos, que não o imitem, porque estão para sempre excluídos do combate cavaleiresco a mentira, a denúncia, a fraude e a hipocrisia. Mas que o procedimento dos Cavaleiros force mais à admiração dos seus adversários pelo desinteresse, a lealdade, a paciência e a intrepidez. É então que eles se assemelharão a Cristo Rei e a seus Anjos.

Enfim, atingirão a perfeição do espírito da cavalaria se evitarem defender-se dos ataques dirigidos só contra eles, e se estão sempre e em todo o lugar animados de um grande amor pela paz, a exemplo de Joana d'Arc, modelo dos Cavaleiros.

Estas regras de combate valem não somente na defesa da Fé e da civilização, mas em toda a guerra justa.

¹⁷⁵ Em louvor da nova cavalaria, IV, 8; Sl 139, 21.

CAPÍTULO XIX

Do dever de entreajuda e de hospitalidade

- 1. Os Cavaleiros têm o dever de se entreajudar em todas as circunstâncias da vida e por todos os meios em seu poder. Se um deles está sem dinheiro ou sem casa, ou sem trabalho, ou na prisão, ou perseguido por alguma razão ilegítima, todos devem esforçar-se por dar remédio à situação. Do mesmo modo, se um irmão está em viagem, a casa de cada um ser-lhe-á aberta na medida do possível todo o tempo que for necessário.
- 2. Conforme a tradição cavaleiresca, a Ordem organizará e manterá uma ou várias obras hospitalares, particularmente a favor dos prisioneiros e de todos os que sofrem os males de uma sociedade pecadora e separada de Deus.
- 3. Esta caridade fraterna estender-se-á a todos os homens segundo a venerável tradição em uso nos tempos de fé; e para que se ouça dizer no dia do julgamento: Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que meu Pai vos preparou desde a criação do mundo; pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu, e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão, e viestes até mim. ¹⁷⁶

CAPÍTULO XX

Do serviço das paróquias

1. Os irmãos devem concorrer para o desenvolvimento da sua paróquia com uma grande generosidade, participando nas suas atividades tanto litúrgicas como apostólicas e caritativas¹⁷⁷.

Verão, com efeito, na paróquia a própria Igreja, e na sua própria dedicação uma realização concreta do primeiro dos fins da Ordem SERVIR A FÉ.

- 2. Oferecerão pois os seus serviços ao pároco e poderão mesmo pertencer a toda associação paroquial se isso parecer útil e oportuno.
- 3. Trabalharão com gosto por inspirar aos cristãos que os rodeiam um ardente amor pela Bem-aventurada Virgem Maria. Esforçar-se-ão também por fazer nascer ou desenvolver neles o sentido do sagrado e da hierarquia, uma fidelidade amante e indefectível para com a Santa Igreja, o seu chefe, o Soberano Pontífice, e os Bispos, o gosto da Sagrada Escritura e da autêntica Liturgia vivida, sem desprezo algum pelas devoções privadas e aprovadas pela Autoridade eclesiástica, nomeadamente o culto das santas imagens, dos objetos benzidos, círios; enfim, o espírito de caridade fraterna pela qual se reconhecem os verdadeiros discípulos de Cristo¹⁷⁸.

O seu apostolado tenderá sempre a levar os seus irmãos até às origens tradicionais da vida espiritual, que formaram,

¹⁷⁷ Cf. Vaticano II, Apostolicam Actuositatem, nº 10.

¹⁷⁸ Cf. Jo 13, 35.

com a alma cristã das épocas de fé, toda a civilização que os cavaleiros têm que defender e promover.

CAPÍTULO XXI

Da adesão dos cavaleiros a movimentos diversos

1. Ao lado das atividades comuns da Ordem, a regra deixa claro aos Cavaleiros a iniciativa das suas atividades privadas, isto é, para além do dever de estado, que tem primazia sobre todo o restante, podem colaborar em todo o empreendimento que lhes inspire o seu zelo e a sua dedicação à Igreja e ao próximo. Bem entendido, estas atividades devem ser cumpridas no espírito da Ordem segundo o Código de Honra.

Que se lembrem sempre destes dois princípios:

- É-se Cavaleiro de Nossa Senhora antes de tudo, em tudo, sempre e em todo o lado;
 - É primeiro sempre no seio da Ordem que se é Cavaleiro.
- 2. Se um irmão vê que deve pertencer a algum outro movimento, fá-lo-á com assentimento do Comendador. Do mesmo modo, antes de aceitar uma responsabilidade importante no domínio apostólico ou social, considerará honra solicitar a sua autorização. Levará a esse movimento ou a essa atividade todos os recursos espirituais e intelectuais que a Ordem lhe fornece, sem temer para a Ordem um detrimento qualquer, porque diz São Bento: *Em todo o lugar servimos o mesmo mestre e militamos debaixo das ordens de um mesmo Rei*¹⁷⁹, e a Ordem está acima do sucesso temporal bem como do insucesso, pois está escrito: *pois todo o que foi*

¹⁷⁹ Cf. Regra de São Bento, 61.

gerado de Deus vence o mundo. E esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa $fé^{180}$. E São Paulo diz também: tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus 181 .

- 3. Os Cavaleiros de Santa Maria podem pertencer aos Movimentos da Ação Católica ou a qualquer outro grupo similar cujo fim seja apostólico ou caritativo, assim como das confrarias de piedade.
- 4. Do mesmo modo em relação aos movimentos sociais que seguem a doutrina da Igreja, mesmo se não são oficialmente e nomeadamente católicos.
- 5. Quanto aos movimentos ou manifestações políticas, os cavaleiros compreenderão facilmente que a Ordem se situa num plano diferente, e que o seu combate não saberia abaixar-se até tornar-se uma luta de partidos. Todavia, poderão individualmente dar a sua adesão a um movimento cuja doutrina e método estejam em conformidade com o ensino dos Papas e os princípios da Ordem, e isto em vista de servir o Bem comum e de defender a Fé e a Igreja, pelo menos indiretamente.

Mostrar-se-ão dispostos a retirar-se desse movimento a pedido motivado do prior ou do comendador. Estes ouvirão o parecer do seu capítulo, se isso parecer oportuno, e o Mestre decidirá os casos litigiosos.

- 6. Em todo caso, pertencer a partidos, associações, sociedades ou movimentos reprovados pela Igreja é proibido.
- 7. Os Cavaleiros não poderão pertencer a uma outra Ordem de Cavalaria sem uma autorização expressa do Mestre.

^{180 1}Jo 5, 4.

¹⁸¹ Rm 8, 28.

8. Também não podem entrar numa Ordem Terceira a partir da sua recepção na Ordem de Santa Maria, mas podem ser oblatos de uma abadia.

Que os Cavaleiros de Santa Maria cumpram em todo o lado a sua missão, esclarecidos pela luz de Maria, conduzidos por seu espírito, sustentados pelo seu braço e guardados sob a sua proteção, de modo que eles combaterão com uma mão e edificarão com a outra¹⁸². AMEN!

EXPLICIT REGULA MILITUM

¹⁸² São Luís M. Grignion de Montfort, *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, nº 48; Cf. Ne 4, 10-17.

CONSTITUIÇÕES DA MILITIA SANCTÆ MARIÆ

PREÂMBULO HISTÓRICO

1. A *Militia Sanctæ Mariæ* foi fundada em 1945 por um leigo que depois se tornou monge beneditino, D. Gerard Lafond, e com os conselhos do Reverendíssimo Padre D. Gabriel Gontard, então Abade de Saint-Wandrille de Fontenelle.

O propósito do fundador era suscitar para o nosso tempo uma cavalaria nova, "regular e militante", adaptada às necessidades do mundo moderno, consagrada a Maria, para o serviço e defesa da Igreja e do próximo, com os fins de *alargar cá embaixo as fronteiras do Reino de Deus*¹. Ele denominou a sua fundação "Ordem dos Cavaleiros de Nossa Senhora", em latim Militia Sanctæ Mariæ, e estabeleceu como seus fins: SERVIR A FÉ, DEFENDER A IGREJA, PROMOVER A CRISTANDADE E A PAZ. D. Gerard Lafond redigiu a "Regra dos Cavaleiros de Nossa Senhora".

2. A Militia Sanctæ Mariæ teve ereção canônica como confraria na cripta de Notre Dame de Sous-Terre da Catedral de Chartres, em 24 de dezembro de 1964. Depois, implantouse na Alemanha, Ratisbona (Regensburg), em 19 de julho de 1968, por intermédio de Monsenhor Rudolf Graber, na Suíça, Catedral de Nossa Senhora de Valère, por Monsenhor Nestor Adam, Bispo de Sion, em 8 de Abril de 1969, em Portugal, na Capela de São Geraldo, Braga, por D. Francisco Maria da Silva, Arcebispo, em 20 de Outubro de 1975 e na Espanha, no santuário de Nossa Senhora da Pena, por D. Juan António Del Val, Bispo de Santander, em 23 de Julho de 1984.

¹ Gauthier, Léon, La Chevalerie, I, 10.

A *Militia Sanctæ Mariæ* conta com outros membros do mundo inteiro.

3. Na sequência da carta n. 209-215, dirigida em 22 de julho de 1972 a Monsenhor Roger Michon pela Secretaria de Estado da Santa Sé, o XV Capítulo Geral da *Militia Sanctæ Mariæ*, reunido em Chartres em 15 de Agosto de 1972, tomou nota da vontade da Santa Sé de não reconhecer atualmente senão duas ordens de cavalaria, a Ordem soberana, religiosa e militar dos Hospitaleiros de São João de Jerusalém, dita de Rodes, ou Malta, e a Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém.

Por outro lado, declarou que a *Militia Sanctæ Mariæ* não se reconhecia na definição aceita nas chancelarias, segundo a qual uma Ordem de cavalaria é uma instituição antiga, de caráter honorífico, que procede exclusivamente duma autoridade soberana, ou que por si própria possui esta soberania.

Em consequência, o XV Capítulo Geral definiu a *Militia Sanctæ Mariæ* como a Companhia regular e militante dos cavaleiros de Nossa Senhora. Sublinhou que a MSM não pede para si própria nem títulos, nem distinções, nem honras, nem privilégios. Simples confraria, ou associação de fiéis, ela deseja fazer reviver nos seus membros, por meio de observâncias espirituais, de ritos, de estudos e atividades apropriadas, o verdadeiro espírito da cavalaria a serviço da Cristandade.

4. Sob a sábia direção de Monsenhor Michon e o impulso do seu fundador, a MSM verificou as suas concepções à luz das Atas do Concílio Vaticano II e do magistério dos Pontífices Romanos que lhe dá a interpretação autêntica em todos os pontos conforme a Tradição da Igreja.

De acordo com o Santo Evangelho, a MSM considera o decreto conciliar *Apostolicam Actuositatem* do referido Concílio, sobre o apostolado dos leigos, como a sua carta fundamental, em particular o Cap. II, n. 5, 6, 7 e 8, nas seguintes passagens:

"A obra redentora de Cristo, que por natureza visa salvar os homens, compreende também a restauração de toda a ordem temporal. Daí que a missão da Igreja consiste não só em levar aos homens a mensagem e a graça de Cristo, mas também em penetrar e atuar com o espírito do Evangelho as realidades temporais. Por este motivo, os leigos, realizando esta missão da Igreja, exercem o seu apostolado tanto na Igreja como no mundo, tanto na ordem espiritual como na temporal. Estas ordens, embora distintas, estão de tal modo unidas no único desígnio divino que o próprio Deus pretende reintegrar, em Cristo, o universo inteiro, numa nova criatura, dum modo incoativo na terra, plenamente no último dia (...) (n. 5)

E dado que no nosso tempo surgem novos problemas e se difundem gravíssimos erros que ameaçam subverter a religião, a ordem moral e a própria sociedade humana, este sagrado Concílio exorta ardentemente os leigos a que, na medida da própria capacidade e conhecimentos, desempenhem com mais diligência a parte que lhes cabe na elucidação, defesa e reta aplicação dos princípios cristãos aos problemas do nosso tempo, segundo a mente da Igreja (...) (n. 6)

Quanto aos leigos, devem eles assumir como encargo próprio seu essa edificação da ordem temporal e agir nela de modo direto e definido, guiados pela luz do Evangelho e a mente da Igreja e movidos pela caridade cristã; enquanto cidadãos, cooperar com os demais com a sua competência específica e a própria responsabilidade (...) (n. 7)

Tenham, por isso, os leigos em grande apreço e ajudem quanto possam as obras caritativas e as iniciativas de assistência social, quer privadas quer públicas, e também internacionais" (n. 8)

5. Neste espírito, a MSM empenha-se hoje em promover nos seus membros uma vida espiritual e litúrgica profunda, assim como uma formação doutrinal adaptada. Ela tem defendido e defende com vigor a fidelidade à Igreja e muito particularmente a obediência ao Sumo Pontífice.

Por outro lado, compromete-se no apostolado através da imprensa; fundou e anima várias associações para ajuda à Igreja do silêncio, para ajuda aos prisioneiros e refugiados, para a construção duma Europa cristã, para o mundo do trabalho e para o diálogo com outras religiões monoteístas.

15 de Agosto de 1985

ARTIGO 1 - DECLARAÇÃO DE INTENÇÃO

- 1.1. Neste fim do segundo milênio que Sua Santidade João Paulo II descreve como um novo Advento da Igreja e do mundo², a situação do mundo e da Igreja é caracterizada por:
- a extensão ao mundo inteiro de todos os problemas sociais e políticos;
- materialismo totalitário ou liberal;
- um estado generalizado de guerra ideológica com ameaça dum conflito armado que pode acarretar a destruição da humanidade;
- o fracasso das ideologias e sinais de um "retorno ao sagrado";
- o reencontro das diversas tradições religiosas e filosóficas da humanidade.
- 1.2. Esta situação apela ao nascimento duma nova cavalaria que conduzirá o combate por Deus e pelo homem criado à imagem de Deus.

Trata-se nomeadamente:

- de defender o homem humilhado pelas falsas ideologias, utilizando todos os meios moralmente bons para iluminar e mover a opinião pública;
- de defender a vida humana e a sua dignidade, desde a sua concepção até à morte;
- de defender a liberdade religiosa;

² São João Paulo II, Redemptor hominis, 4 de março de 1979, nºs 1, 7, 20, 22

- de combater todos os fanatismos, estando vigilantes para não sucumbir a eles;
- de animar todo o espírito de resistência ao totalitarismo e à violência terrorista;
- de fazer despertar a memória dos povos quanto à sua origem, cultura, tradições nacionais, cristãs ou pelo menos conformes à Lei natural;
- de favorecer o diálogo entre representantes das grandes tradições religiosas: em primeiro lugar no seio da Cristandade (ecumenismo propriamente dito); depois entre as religiões monoteístas; por fim com o conjunto das religiões e culturas tradicionais;
- de procurar e pôr à luz, nestas tradições, tudo o que é pedra de toque da Verdade revelada;
- de inventar ou reencontrar, à luz da doutrina social da Igreja e de toda a Tradição, os princípios e as práticas que permitirão construir a sociedade humana "pós-ateia", que seja preparação e não obstáculo ao reino de Deus;
- de promover, enfim, "a verdade como força da paz" de orientar os espíritos para a esperança escatológica do advento de Cristo na glória.
- 1.3. Um tal programa requer um tipo de homem ou militante cristão forjado pelo Código de honra cavaleiresco, que seja no seu conjunto:
- um homem de fé viva e espiritualidade intensa, dedicado a Maria, e solidamente ligado a Cristo e à Igreja;
- um homem de tradição, bem enraizado na sua terra e no

³ Cf. São João Paulo II, Mensagem para a celebração do XIII Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 1980

seu povo, mas aberto aos valores autênticos dos outros;

- um homem de honra, cuja palavra seja "sim, sim, não, não", e que faça em toda a parte guerra à mentira;
- um combatente, plenamente comprometido no combate pela salvação do homem em Cristo, contra as ideologias totalitárias e finalmente contra Satanás;
- um artesão da paz, que procura tudo o que pode aproximar os homens na verdade e na caridade;
- um servidor dos mais pobres, um defensor dos oprimidos e dos perseguidos;
- um homem corajoso, humilde e magnânimo, que conhece os seus limites, mas tem esperança na onipotência de Deus, e assim atrai a estima e a confiança dos seus semelhantes.
- 1.4. A MSM pretende ser um modo de vida que torna possível a eclosão das tais vocações cavaleirescas para o nosso tempo. O seu fim é armar cavaleiros para o terceiro milênio, de animar o seu combate por Deus e pelo homem.

ARTIGO 2 - DEFINIÇÃO

- 2.1. A MSM é uma comunidade que se denomina companhia regular e militante dos cavaleiros de Nossa Senhora.
- 2.2. Enquanto companhia regular, a MSM propõe aos seus membros:
- a consagração de toda a sua vida a Cristo Rei, por mediação de Maria;
- o Código de honra cavaleiresco;

⁴ Mt 5, 37

- o diretório espiritual ou "Regra dos cavaleiros de Nossa Senhora", inspirado nas Regras de São Bento, São Bernardo de Claraval e São Luís Maria Grignion de Monfort;
- o Ritual tradicional, para a celebração das horas de Nossa Senhora, Capítulos, Recepção para os diversos graus, Profissão, Vigília e "*Benedictio novi militis*", procissões, peregrinações etc.

O cumprimento dos ritos contribui poderosamente para fazer da MSM um espaço sagrado onde o homem secularizado deste fim do século XX reaprende a viver no meio de símbolos, a penetrar-se da tradição, a entrar na "via do cavaleiro", a prosseguir a sua própria Demanda Espiritual;

- a vida fraterna, centrada tanto sobre a partilha da palavra, do estudo e das atividades comuns, como sobre a entreajuda;
- o estudo das ciências sagradas (Sagrada Escritura, Patrística, Teologia, Liturgia), da doutrina social da Igreja e outras disciplinas e técnicas necessárias à prossecução dos fins da MSM.
- 2.3. Enquanto companhia militante, a MSM organiza as suas próprias atividades de harmonia com os seus fins⁵,
- quer diretamente por si própria, através das suas estruturas territoriais;
- quer pelas suas seções internas especializadas;
- quer por intermédio das associações que ela fundou e/ou anima;

Encoraja, por outro lado, as iniciativas apostólicas dos seus membros.

A MSM não tem qualquer fim político, nem por si própria,

⁵ Cf. Constituições, nº 1 e 2

nem por meio dos seus membros. Iluminada pelo Magistério vivo da Igreja e dócil ao seu ensino constante, analisa as situações e define os seus objetivos e modo de atuação no mundo, sem que esta ação possa alguma vez comprometer no que quer que seja a Santa Sé ou a Hierarquia eclesiástica.

2.4. Enquanto que votada a Maria, a MSM ensina aos seus membros o amor e o serviço cavaleiresco à Santa Mãe de Deus. Todos se consagram à Virgem desde a sua recepção. Todos oferecem a Deus a sua oração através das Horas de Nossa Senhora e do Santo Rosário. Todos confiam a Maria as suas ações, grandes ou pequenas. Eles sabem que é por Maria e no Espírito Santo que Deus quer estabelecer o Reino de Cristo Rei.

Os membros da MSM recorrem igualmente ao ministério e proteção de São Miguel Arcanjo e todos os santos Anjos de Deus. Invocam, também, com uma devoção muito particular São José, São João Baptista, São Jorge, São Bento, São Bernardo, São Luís Maria Grignion de Montfort e São Maximiliano Kolbe.

ARTIGO 3 - MEMBROS DA MSM

A MSM compreende:

- membros sujeitos a toda a observância da Regra, e que formam a *Observantia*;
- membros sujeitos a uma observância simplificada, e que formam a Familia.

Para além destes, há o "Movimento da MSM" constituído pelo conjunto dos seus simpatizantes.

Estas categorias são compostas por leigos e clérigos, religiosos e religiosas.

ARTIGO 4 - DA OBSERVANTIA

- 4.1. A *Observantia* compreende leigos, homens e mulheres, padres e diáconos permanentes.
- 4.2. Os membros masculinos leigos são católicos com pelo menos dezoito anos, conforme a lei da Igreja. Após três meses de postulantado, são recebidos no seio da MSM para um período de formação de, pelo menos, dois anos. O período como freire-de-armas acaba por um controle de conhecimentos que introduz o candidato ao grau seguinte.
- 4.3. Com opinião favorável do capítulo local e por decisão do prior, o freire-de-armas pode ser admitido a pronunciar, por um período de três anos, renovável, por simples recondução, as promessas indissociáveis que se seguem:
- a conversão dos costumes, compromisso de viver, em todas as circunstâncias da vida, segundo as leis da cavalaria e a sua Regra;
- a fidelidade à MSM, obediência aos chefes da MSM nos limites das Constituições e Diretórios, e o dever de entreajuda fraterna entre todos os seus membros;
- a defesa da Santa Igreja, compromisso especial de defender a Igreja, a sua fé, a sua hierarquia, as suas instituições e os seus direitos, mesmo com risco da própria vida, e de responder a todo o apelo do Sumo Pontífice para levar a cabo esta missão, mesmo perigosa e difícil, que Sua Santidade se

dignar confiar-lhe;

Torna-se então Escudeiro-donato, membro maior da MSM.

- 4.4. Depois de ter ouvido os pareceres do capítulo de honra local, do preceptor e do prior, o mestre pode admitir à profissão e "*Benedictio Novi Militis*" o Escudeiro-donato que julgue digno de ser cavaleiro⁶, e que tenha pelo menos três anos de antiguidade como donato.
- 4.5. Dado o caráter masculino da vocação cavaleiresca, os cargos hierárquicos da MSM (mestre, prior, preceptor) são reservados aos cavaleiros, podendo o cargo de preceptor ser confiado a um Escudeiro-donato. O mestre e os priores não podem exercer um cargo de direção em partidos políticos⁷.
- 4.6. Os sacerdotes e diáconos permanentes que desejem agregar-se mais estreitamente à MSM entrando na *Observantia* são recebidos como capelães ou diáconos de obediência, ressalvando os direitos dos Ordinários ou superiores religiosos.
- 4.7. As esposas ou viúvas dos membros leigos ou diáconos permanentes da *Observantia* podem ser recebidas como irmãs, ou damas, segundo o estado do seu marido na *Observantia*. Elas podem dirigir ou animar as fraternidades ou seções especializadas e tomar parte em todas as atividades da MSM.

As filhas maiores de idade dos membros leigos podem ser recebidas como irmãs.

4.8. Os membros da *Observantia*, celibatários, viúvos ou viúvas, que queiram consagrar a totalidade da sua vida

⁶ Regra da Militia Sanctae Mariae, Cap. II

⁷ Código de Direito Canônico, Cân. 317, §4

a Deus e ao serviço da MSM podem ser admitidos a fazer em privado os votos anuais e renováveis de pobreza, castidade e obediência. Ficam então à disposição do Magistério da MSM para toda a missão.

4.9. Os membros leigos masculinos da *Observantia* são obrigados às seguintes observâncias da regra:

- todos os dias:

- pelo menos uma hora litúrgica do ofício dos cavaleiros de Nossa Senhora;

- um tempo de oração silenciosa.

- cada semana:

 participação, além dos domingos, pelo menos uma vez, no Santo Sacrifício da Missa;

- meditação dos quinze mistérios do rosário;

- a "Lectio divina" (leitura meditada e rezada da Sagrada Escritura);

- leitura meditada duma passagem da Regra.

- cada mês:

- assistência ao Capítulo do preceptorado.

- no decurso do

ano:

- Missa e comunhão por ocasião da festa solene da MSM (Assunção de Nossa Senhora, 15 de Agosto) e das suas cinco festas maiores: Cristo Rei (último domingo do Tempo Comum), Sagrado Coração de Jesus (sexta-feira após o II Domingo depois de Pentecostes), Imaculada Conceição (8 de Dezembro), São Miguel Arcanjo (29 de Setembro), Natividade de São João Batista (24 de Junho).

- o estudo necessário à formação doutrinal permanente;
- a participação nas atividades da MSM;
- um retiro fechado, pelo menos de três dias;
- a assistência ao capítulo anual (prioral ou geral);
- 4.10. As irmãs e as damas podem dirigir todas as ações da MSM, Fraternidades e outras ações criadas ou por criar da MSM.

ARTIGO 4 BIS - FRATERNIDADE SACERDOTAL

Os Prelados da Ordem, os capelães de obediência, os diáconos de obediência podem ingressar em uma fraternidade sacerdotal representada no conselho magistral.

ARTIGO 5 - DA FAMILIA

5.1. Os membros da *Familia*, homens e mulheres, pertencem a um dos seguintes corpos:

- 5.2. A Casa de Nossa Senhora (*Domus Beatæ Mariæ Virginis*) ou juventude da MSM, composta por jovens entre os sete e os dezoito anos, que recebem uma formação completa corpo, alma e espírito na tradição da cavalaria mariana; são por um lado os pajens de Nossa Senhora, e por outro os cadetes de Nossa Senhora.
- 5.3. O corpo dos Servos e Servas de Nossa Senhora, cujos membros se comprometem a viver segundo o código de honra, a Regra e a recitação do Rosário. Os Servos e Servas de Nossa Senhora podem assistir aos capítulos e participar em todas as atividades de sua escolha.
- 5.4. Os Servos e Servas, celibatários, viúvos ou viúvas, que queiram consagrar a totalidade das suas vidas a Deus, ao serviço da MSM, podem ser admitidos a pronunciar em privado os votos, anuais e renováveis, de pobreza, castidade e obediência, no limite das observâncias próprias ao seu estado.
- 5.5. O Corpo espiritual dos Orantes (*Orantes*) de Nossa Senhora, composto de sacerdotes, religiosos, religiosas, comunidades, doentes e deficientes; o seu papel é de fecundar espiritualmente a ação da MSM.
- 5.6. Os sacerdotes e os diáconos permanentes que oferecem o concurso do seu ministério à MSM sem se agregarem à *Observantia*⁸ são membros da *Familia* com o título de capelães ou diáconos de devoção.

⁸ Cf. Constituições, nº 4.5

ARTIGO 6 - DO MOVIMENTO

- 6.1. O movimento da MSM é formado em primeiro lugar por todos os que fazem parte das associações por ela animadas, ou trazem a estas o seu sustento moral ou material.
- 6.2. Em segundo lugar por todos os que se declaram ou se sentem de acordo com a MSM: simpatizantes, leitores das suas publicações etc.

ARTIGO 7 - ESTRUTURAS TERRITORIAIS

- 7.1. A MSM está estruturada territorialmente da seguinte forma:
- ao escalão local, os preceptorados;
- ao escalão nacional, os priorados, a nação sendo definida, neste contexto, como um grupo cultural ou étnico, compartilhando uma história e, em geral, uma linguagem comum.

Na ausência de estruturas territoriais, pode ser criada uma delegação magisterial.

Os agrupamentos nacionais não ainda eretos em priorados são primeiro delegações, e depois províncias.

A unidade e direção do conjunto são asseguradas pelo magistério.

7.2. A Delegação Magisterial é uma estrutura chefiada por um membro da Ordem nomeado pelo Mestre, que representa a MSM em sua nação.

7.3. O preceptorado é uma estrutura criada dentro de uma nação, se possível no território de uma diocese, chefiada por um membro maior da MSM nomeado pelo Prior (tradicionalmente, pelo Mestre).

Os membros dum preceptorado, sob a direção dum preceptor assistido pelo capelão, reúnem-se em capítulo, pelo menos uma vez por mês.

Os preceptores de uma mesma região reúnem-se em capítulo, pelo menos uma vez todos os três meses, definido pelo prior.

- 7.4. A Província é uma estrutura que inclui pelo menos dois preceptores geograficamente próximos. É criada pelo Mestre e chefiada por um cavaleiro nomeado pelo Mestre, por um período renovável de três anos.
- 7.5. O Priorado é uma estrutura constituída por preceptorados ou províncias, cujo âmbito territorial é definido pelo Mestre.

Cada priorado é ereto canonicamente num santuário central em uma diocese de seu território, geralmente dedicado à Bem-aventurada Virgem Maria.

Cada priorado é governado por um prior, assistido por um capelão, por assistentes e por um conselho eleito. Os priores são eleitos por seis anos pelos cavaleiros de cada priorado, e reelegíveis. A sua eleição é confirmada pelo mestre.

O capítulo prioral reúne-se uma vez por ano.

7.6. Os priorados gozam de uma justa autonomia no quadro das instituições, dos Diretórios e das atribuições do magistério.

Cultivam as tradições apropriadas à sua gênese nacional.

ARTIGO 8 - DO MAGISTÉRIO

- 8.1. A MSM é governada por um mestre, eleito por seis anos, por um colégio cuja composição é determinada pelo Costumeiro. É reelegível.
- 8.2. O santuário central da MSM é a Cripta de "Notre-Dame de Sous-Terre" da insigne catedral e basílica de Nossa Senhora de Chartres.
 - 8.3. O Mestre governa a MSM com a ajuda:
- do Magistério composto de oficiais por ele escolhidos,
- do capelão geral,
- de um conselho magistral composto do Magistério, do capelão geral, dos priores e antigos mestres, dos membros escolhidos por ele ou eleitos,
- dos priores,
- do capítulo geral.
- 8.4. O Mestre é o guardião da unidade da MSM. Ele vela pelo respeito das Constituições e Diretórios, na fidelidade ao espírito da fundação.

As suas principais prerrogativas são:

- O exercício direto de autoridade sobre:
- o serviço de informação do magistério,
- o seminário de formação para as relações exteriores,
- os grupos de membros permanentes⁹,
- as seções e fraternidades internacionais instituídas pela MSM,

⁹ Cf. Constituições, nº 4.8

- as relações com o Ordinário de Chartres, primeiro lugar de ereção canônica da Ordem,
- as relações com organizações religiosas ou não religiosas fora da MSM,
- direito de fiscalização sobre o destino dos bens imobiliários de toda a MSM.
- a instituição e governo direto, ou por intermédio dos seus oficiais, das estruturas nacionais antes da sua ereção em priorados;
- a ereção dos priorados, a confirmação da eleição dos priores, o exame dos relatórios dos priores e a definição das diretivas que são a sua consequência, a inspeção dos priorados por si próprio ou dos visitadores que designe;
- a definição das orientações gerais da MSM e a vigilância da sua aplicação segundo as diretivas da Igreja;
- a convocação e a direção do capítulo geral e do congresso internacional, nas condições fixadas pelo Costumeiro;
- a convocação do capítulo de justiça e o controle da execução dos julgamentos que daí decorram;
- a promulgação do Costumeiro, nomeadamente após cada uma das suas modificações.

ARTIGO 9 - DOS DIRETÓRIOS

- 9.1. O conteúdo das presentes Constituições é precisado pelos Diretórios, a saber:
- 9.2. O diretório espiritual ou Regra dos Cavaleiros de Nossa Senhora, texto Testemunho da fundação, "*ne varietur*",

redigido pelo fundador, aprovado em devido tempo pelo primeiro Primaz da MSM, Monsenhor Roger Michon, e promulgado pelo mestre Jehan de Penfentenyo de Kervéréguin;

- 9.3. O Costumeiro, modificável pelo capítulo geral;
- 9.4. O Ritual, estabelecido pelo fundador, segundo a tradição litúrgica e cavaleiresca.

ARTIGO 10 - DA INTERPRETAÇÃO AUTÊNTICA

- 10.1. A interpretação autêntica das Constituições e dos Diretórios compete ao fundador enquanto vivo, e depois, ao capítulo geral no espírito do fundador.
- 10.2. A interpretação autêntica apoia-se nos textos latino e francês (língua original).

Alinhado com o estatuto canônico de 2015 por Carlos Alberto de Aguiar Vieira Gomes, mestre e primeiro servidor da MSM, Pauper - Miles - Peccator

A 15 de agosto de 2020

OPPORTUNE ★ IMPORTUNE

SUMÁRIO

Tradução2
Apresentação da Nova Edição3
Advertência
114 (01 (01) (01) (01)
REGRA DOS CAVALEIROS
DE NOSSA SENHORA
Prólogo7
Primeira Parte - O Espírito da Ordem
Capítulo I - Fins da Ordem de Santa Maria15
Capítulo II - Do estado das pessoas e da hierarquia da
Ordem
Capítulo III - Como deve ser o Cavaleiro de Santa Maria. 34
Capítulo IV - Do serviço de Nossa Senhora40
Capítulo V - Do sel viço de riossa semiora
Capítulo VI - Da correção fraterna
Capítulo VII - Da penitência
Capitulo v II Da pellitellela
Segunda Parte - Observâncias litúrgicas e
ESPIRITUAIS
Capítulo VIII - Das Festas da Ordem55
Capítulo IX - Da Santa Missa58
Capítulo X - Das Horas de Nossa Senhora60
Capítulo XI - Da Oração62
Capítulo XII - Da leitura espiritual64
Capítulo XIII - Do Rosário, da Coroa Angélica e do
Angelus67
Capítulo XIV - Da delicadeza de que é preciso rodear a Santa
Mãe de Deus69

Terceira Parte - Outras Observâncias

O /: 1 3777 D /: 1	=-
Capítulo XV - Da assistência aos capítulos	
Capítulo XVI - Do trabalho do corpo e do es	•
Capítulo XVII - Da vida familiar dos cavalei	ros78
Capítulo XVIII - Dos deveres dos cavaleir	os para com o
próximo	-
Capítulo XIX - Do dever de entreajuda e de l	
Capítulo XX - Do serviço das paróquias	
Capítulo XXI - Da adesão dos cavaleiros	
diversos	
G1VC1303	
CONSTITUIÇÕES	
DA MILITIA SANCTÆ MARI	[Æ
Preâmbulo Histórico	93
Artigo 1 - Declaração de intenção	
Artigo 2 - Definição	
Artigo 3 - Membros da MSM	101
Artigo 4 - Da Observantia	
Artigo 4 <i>bis</i> - Fraternidade Sacerdotal	
Artigo 5 - Da Familia	
Artigo 6 - Do Movimento	
Artigo 7 - Estruturas territoriais	
Artigo 7 - Estruturas territoriais	
Artigo 9 - Dos Diretórios	
Artigo 10 - Da interpretação autêntica	

OPPORTUNE + IMPORTUNE

Versão Digital miliciadesantamaria.org.br

